



Co-funded by  
the European Union



Solving the  
intergenerational puzzle  
INTER-PUZZLE

# ERASMUS+

## Resolver o puzzle intergeracional INTER-PUZZLE



2022-2-SI01-KA210-ADU-000101651



Financiado pela União Europeia. No entanto, os pontos de vista e opiniões expressos são exclusivamente da responsabilidade do(s) autor(es) e não refletem necessariamente os da União Europeia ou da Agência Europeia de Execução para a Educação e a Cultura (EACEA). Nem a União Europeia nem a EACEA podem ser responsabilizadas por elas.



# Índice

- 02** Introdução
- 03** Sobre o projeto
- 04** Parceiros do projeto
- 06** Aprendizagem intergeracional
- 08** Recolha de histórias, Eslovénia
- 16** Recolha de histórias, República Checa
- 24** Recolha de histórias, Portugal
- 32** Recolha de histórias, Itália



# Introdução

Existe uma coleção de histórias destinadas a serem lidas, para lembrar que há muitas experiências que nos conectam e que ainda há muito que podemos aprender, se nos permitirmos ter algum tempo para nos ouvirmos uns aos outros e explorar.

As histórias foram contadas por pessoas com 55+ anos que vivem em quatro países europeus diferentes: Eslovénia, República Checa, Itália e Portugal. Pedimos a 25 pessoas de cada região que falassem sobre as suas vidas e experiências de vida.

Preparamos uma seleção de histórias de cada país e adicionamos histórias de outros três países, para que o leitor possa aprender sobre a vida e a cultura das pessoas que vivem nesses países.

Existem 4 e-booklets em 4 línguas diferentes: italiano, português, checo e esloveno disponíveis no nosso blog do projeto: Este é um e-booklet internacional escrito em Inglês.

Todas as histórias foram recolhidas no âmbito do projeto Erasmus+ Resolver o Puzzle intergeracional - INTER-PUZZLE.

Convidamo-lo a ler as histórias e a descobrir todas as semelhanças que nos ligam, bem como todos os atributos que nos tornam únicos.

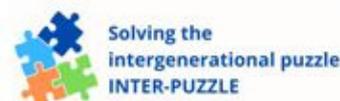
Erasmus+ Solving the intergenerational puzzle INTER-PUZZLE, 2023  
All rights reserved.



Financiado pela União Europeia. No entanto, os pontos de vista e opiniões expressos são exclusivamente da responsabilidade do(s) autor(es) e não refletem necessariamente os da União Europeia ou da Agência Europeia de Execução para a Educação e a Cultura (EACEA). Nem a União Europeia nem a EACEA podem ser responsabilizadas por elas.



Co-funded by  
the European Union



# Sobre o projeto

“Resolver o puzzle intergeracional” é um projeto Erasmus+, que aborda a questão da inclusão dos adultos em várias atividades educativas não formais, especialmente a inclusão dos seniores com 55+ anos, promovendo a aprendizagem intergeracional como meio de desenvolver as competências sociais, linguísticas, digitais e outras dos adultos. Hoje em dia, o mundo muda rapidamente, pelo que a adaptação às novas formas de viver, comunicar e aprender tornou-se um grande desafio para os adultos à medida que envelhecem. Neste projeto, iremos chegar aos seniores (55+), recolher as suas histórias, categorizá-las de acordo com os temas e apresentá-las sob a forma de uma brochura. A brochura servirá de base para o desenvolvimento de ferramentas a utilizar para melhorar e promover atividades de aprendizagem intergeracional para adultos. Serão organizados workshops intergeracionais para adultos com idades compreendidas entre os 18 e os 55+ anos, onde os participantes poderão conhecer, comunicar e desenvolver as suas competências. As atividades do projeto contribuirão para a motivação de adultos para participarem em atividades de aprendizagem intergeracional. Promoverá a importância da aprendizagem ao longo da vida, bem como os benefícios de se tornar ou permanecer ativo independentemente da idade. Serão desenvolvidas ferramentas para utilização por indivíduos, professores, educadores de adultos e público em geral, a fim de promover a aprendizagem intergeracional. Este projeto reforçará a cooperação entre organizações relevantes a nível local, nacional e transnacional. O projeto é financiado pela União Europeia.



Co-funded by  
the European Union



Solving the  
intergenerational puzzle  
INTER-PUZZLE

# Parceiros do projeto

## School center Slovenske Konjice-Zreče (SCSKZ)

O centro escolar Slovenske Konjice-Zreče é uma instituição pública para a educação de jovens e adultos. O nosso centro é constituído por três unidades orgânicas: liceu, ensino secundário profissional e SIC – educação de adultos e aconselhamento.

Unidade organizacional SIC – educação e aconselhamento de adultos oferece uma vasta gama de vários programas formais e informais para adultos.

Os participantes adultos podem escolher entre os seguintes programas de educação formal: economia, engenharia mecânica, gastronomia, educação pré-escolar e cuidados de saúde.

Para os participantes adultos, organizamos várias formações, programas de educação, cursos e workshops práticos com ênfase na aprendizagem ao longo da vida. Somos especializados na realização de Qualificações Profissionais Nacionais (NVQ).

Além disso, fornecemos aconselhamento e formação para empresários da nossa comunidade local. Também desenvolvemos novos programas de acordo com os requisitos e necessidades das pessoas que vivem e trabalham na nossa comunidade local (empresas, empresários, empregados, desempregados, idosos, etc.).

Participamos em vários projetos nacionais e internacionais como coordenadores e parceiros de projetos.

## Universidade Sénior de Évora (USE)

A Universidade Sénior de Évora (USE) é uma associação privada, sem fins lucrativos, que desenvolve educação não formal e diversas atividades para pessoas com mais de 50 anos. Estamos localizados em Évora, Portugal, uma cidade de 55.000 habitantes situada no interior sul de Portugal, numa área identificada como tendo a maior percentagem de pessoas idosas. Em 2005 criámos esta associação com o propósito de fazer algo para melhorar o estilo de vida da população mais idosa. A nossa instituição tem como principais objetivos a promoção e o envelhecimento ativo; desenvolver relações intergeracionais; informar e sensibilizar os seniores sobre diferentes temas; fazer sessões formativas e educativas; promover o voluntariado na comunidade e para a comunidade.

As principais atividades da Universidade Sénior de Évora são diversificadas desde as TIC, às artes, às línguas maternas e estrangeiras, literatura, história, história da arte, psicologia, ciências naturais, ginástica, caminhada, dança, pintura, saúde, bordados, música, etc. Além disso, são oferecidas atividades complementares, como a cultural (música e teatro) e as relações intergeracionais, que não são acessórias, mas completam o conhecimento e a experiência dessa população nos dias de hoje e na sociedade. Desde 2006 participamos e coordenamos vários projetos nacionais e internacionais.



Co-funded by  
the European Union



# Parceiros do projeto

## HR clube da região da Morávia e Silésia (KPMS, Czechia)

HR clube da região da Morávia e Silésia é uma associação profissional de especialistas em pessoal e gestores de Recursos Humanos de pequenas, médias e grandes empresas de vários setores. O clube coopera com 12 universidades na República Checa. Organiza eventos educativos e plataformas de discussão para os seus membros, nos quais os profissionais de Recursos Humanos partilham boas práticas e obtêm informação atualizada sobre as tendências de Recursos Humanos.

A organização coopera em projetos nacionais e internacionais de apoio à educação de adultos, igualdade, diversidade, etc.

## EDUVITA, Italy

O EduVita é um centro educacional, cultural e intergeracional no coração de Lecce, no sul da Itália, fundado em 2019. O EduVita é um lugar de ligação entre passado, presente e futuro: cria oportunidades de aprendizagem para melhorar a qualidade de vida dos idosos através do diálogo intergeracional, do desenvolvimento de competências digitais, linguísticas e sociais.

Focamo-nos na ativação social de pessoas idosas, na investigação pedagógica, na inovação de processos de ensino e aprendizagem, na conceção e implementação de contextos de aprendizagem baseados na abordagem de aprendizagem intergeracional, no desenvolvimento de novas metodologias baseadas na Educação de Adultos e em abordagens de aprendizagem intergeracional.

Siaba mais em: [www.eduvita.it](http://www.eduvita.it)



Co-funded by  
the European Union



Solving the  
intergenerational puzzle  
INTER-PUZZLE



EduVita



# Aprendizagem intergeracional

A aprendizagem intergeracional sempre foi uma forma de transferir conhecimentos, experiências, valores e sabedoria das gerações mais velhas para as gerações mais jovens no seio das famílias, o que foi inestimável para a sociedade. Os idosos podem ser membros muito ativos e úteis da sociedade porque representam uma valiosa fonte de conhecimento, que pode ter uma imensa influência no desenvolvimento das gerações mais jovens. As crianças podem aprender com as experiências de vida e a sabedoria dos idosos e, dessa forma, tornarem-se mais preparadas para enfrentar inúmeros desafios e decisões nas suas vidas.

Por outro lado, as gerações mais jovens, por exemplo, sabem muito sobre as novas tecnologias e podem ajudar os seniores nas suas competências digitais.

Hoje em dia, a transferência de conhecimentos e experiências pode ocorrer de muitas formas através de projetos intergeracionais, voluntariado e mentoria ou simplesmente passando tempo juntos e conversando uns com os outros. Desta forma, estabelecem-se fortes laços e respeito entre as diferentes gerações, aumentando assim a coesão e a inclusão social.

Apesar de todos os desafios e novidades que encontramos, podemos aprender muito se olharmos para trás, para quem somos e de onde viemos. Acreditamos que podemos ser bem-sucedidos se formos capazes de misturar as nossas experiências anteriores com novos conhecimentos.

Ao realizar entrevistas com idosos cujas histórias pode ler nos nossos ebooklets, também lhes perguntámos sobre suas experiências e pensamentos sobre aprendizagem intergeracional e ao longo da vida.

A maioria dos nossos entrevistados afirmou que na maioria das vezes transfere os seus conhecimentos e experiências para os seus filhos e netos em casa. No entanto, alguns deles são muito ativos, são membros de vários clubes ou associações. São também educadores e têm workshops para crianças, alunos ou seus pares. Os temas abordados são, na sua maioria, arte, artesanato, tradições e património.

Acreditam que comunicar com os jovens os mantém ativos, uma vez que podem aprender muito com eles, especialmente no que diz respeito às competências digitais e ao uso de telemóveis. Os idosos perceberam que podem permanecer conectados às pessoas ao seu redor através do uso da tecnologia, que encontraram mais tarde na suas vidas e, portanto, às vezes relutam em usá-la. Uma das nossas entrevistadas afirmou que "já não se sente sozinha desde que os jovens a ensinaram a usar o telemóvel".

Com os mais novos podem aprender sobre a vida, como levar a vida "mais levemente", bem como ter orgulho do que realizaram. Salientaram que os adultos devem ouvir os jovens, que as crianças são iguais em todo o lado e que os adultos devem abordar os jovens da forma correta. As gerações mais jovens mostram interesse nas suas histórias e querem aprender com as suas experiências, embora passem muito tempo coladas aos ecrãs.

# Aprendizagem Intergeracional

No entanto, sentem que, por vezes, existe uma lacuna de comunicação, uma vez que os jovens não conseguem realmente compreender que as gerações mais velhas levaram vidas completamente diferentes. Muitos dos nossos entrevistados dizem que não havia água corrente na maioria das casas. Assistir TV era um evento social onde todos os membros da família, bem como vizinhos, estavam presentes. As crianças não tinham tantos brinquedos como hoje. Viajar era bem diferente do que é hoje. No passado, as pessoas tinham que cultivar toda a sua comida e preparar tudo do zero, ao contrário de hoje em dia, quando muitas crianças não viram nenhum animal doméstico a não ser na TV ou nos livros.

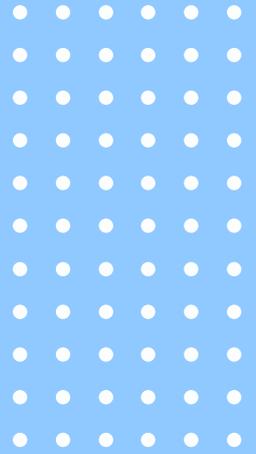
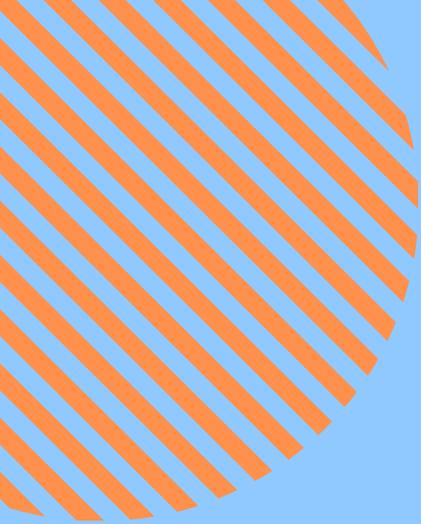
De acordo com os nossos entrevistados, as razões pelas quais alguns idosos não participam em qualquer aprendizagem ao longo da vida ou atividades intergeracionais são complexas. Eles afirmaram que a principal razão pela qual os idosos são relutantes em participar de quaisquer atividades educativas é o medo do desconhecido, medo de que não serão capazes de entender ou participar em atividades. As outras razões apontadas são: processo de aprendizagem mais lento, problemas de saúde, preconceito em relação aos idosos, isolamento, sentimento de que não precisam de aprender mais nada de novo, crença de que já sabem tudo o que precisam saber, sentimento de que não são ouvidos e são desvalorizados por não saberem usar a tecnologia, a presunção de que sabem mais do que educadores. Alguns deles também têm muitas responsabilidades, uma vez que cuidam dos seus netos ou têm que cuidar de seus cônjuges por conta própria. Para outros, o transporte é um problema ao tentar participar de certas atividades, pois não conduzem ou não têm transporte público disponível em todos os momentos.

Para alguns deles, a reforma foi um ponto de viragem. Pensam que, como não estão empregados, ninguém precisa deles, que perderam o seu propósito.

Os nossos entrevistados ficaram felizes quando entrámos em contato com eles para recolher suas histórias. Viram que a sua experiência de vida foi reconhecida. Mostraram-se mais do que abertos a partilhar os seus pontos de vista e ideias, embora alguns deles não quisessem ser fotografados ou gravados.

No final de cada história há palavras-chave que definem os tópicos discutidos nas histórias. Ao analisar as palavras-chave, verificamos que as palavras/tópicos mais utilizados e abordados são: natureza, família, desporto, alimentação, educação, artesanato, celebrações, canto, arte, história, património. Essas palavras-chave representam tópicos que nossos entrevistados veem como os mais vitais nas suas histórias de vida.

Quando questionados sobre o que gostariam de aprender e sobre quais os temas que lhes seriam interessantes para participar em várias atividades educativas, afirmaram, na maioria das vezes: tecnologias digitais, especialmente o uso de telemóveis e computadores, culinária, jardinagem, primeiros socorros, artes, artesanato, canto coral, música, bem-estar, comunicação.



# Recolha de Histórias - Eslovénia





**Nome: Darinka Gilčverk-Brdnik**

**Idade: 63**

Esta é a Darinka Gilčvert-Brdnik. É professora de biologia e botânica. Tem 63 anos.

Trabalhou na educação durante toda a sua carreira. Ensinou inúmeras gerações de alunos e estudantes. A sua curiosidade e uma forma científica de pensar levaram-na a introduzir sempre novas abordagens na forma como ensina. Ela é rápida e hábil em colocar ideias em prática. Usou sempre tecnologia de ponta ao ensinar, então pode dizer que usou tudo, desde gravadores de vídeo a tecnologias de RV na sua sala de aula.

Ela fornece apoio para o cuidado do habitat Žiče grobeljnik. É uma pequena planta com flores amarelas que cresce apenas em Žiče, perto do mosteiro cartuxo de Žiče.

Tem 4 filhas e 5 netos. Ela gosta de cozinhar principalmente assados. O seu ingrediente secreto para assar a potica (massa eslovena feita de massa de levedura com recheio de noz) é um pouco de café moído no recheio.

O bordado é o seu hobby. Ela também está feliz em compartilhar seu conhecimento e habilidade com os seus alunos. Atualmente ensina bordados a 3 grupos de alunos, e nota o aumento dos interessados para os bordados que ensina aos seus alunos.

Gosta de viajar e de preparar apresentações sobre as suas viagens para a família, bem como para alunos e estudantes.

Fica feliz quando pode partilhar os seus conhecimentos e habilidades com os outros.

**Palavras-chave: professor, biologia, bordado, potica**

**Nome: Aleksander Žvikart**  
**Idade: 55**



A família de Aleksander Žvikart tem mais de 65 anos de tradição e experiência na apicultura. Ele observa que este ano tem sido difícil para as abelhas e a apicultura devido às condições climáticas frias, chuvosas e exigentes. As alterações climáticas têm um impacto negativo na apicultura. Foi Einstein quem disse: "Se a abelha desaparecesse da face da Terra, o homem teria apenas quatro anos de vida". O número de espécies de abelhas selvagens e outras espécies de abelhas está a diminuir constantemente. São os apicultores que ajudam as espécies de abelhas domésticas a sobreviver.

A abelha Carniolan é nativa da Eslovénia e os apicultores na Eslovénia podem manter apenas esta espécie de abelha. Nas zonas fronteiriças, especialmente com a Áustria e a Itália, as espécies de abelhas podem, por vezes, misturar-se. Nas zonas fronteiriças com a Croácia, este não é um problema tão importante, uma vez que a abelha carníola também é mantida na Croácia. Ao produzir abelhas-rainhas e cuidar da saúde da família das abelhas, os apicultores certificam-se de que a abelha Carniolan permanece nativa da Eslovénia. É uma abelha trabalhadora e calma. Não é agressiva. Se uma abelha começar a voar em torno da sua cabeça, por exemplo, deve de ir para a sombra e permanecer calmo. Se uma abelha o picar, a abelha morre.

Ele tem mais de 400 colónias de abelhas, das quais aproximadamente 200 a 300 colónias de abelhas podem ser transferidas para outros locais nas suas colmeias. Eles também têm seis apiários. Este tipo de apiário é específico da Eslovénia. Tal apiário é funcional, pois várias colmeias podem ser armazenadas sob o mesmo teto. Ao mesmo tempo, é visualmente interessante e decorativo, pois pinturas sobre o apiário retratam histórias sobre apicultura, pessoas, natureza.

Ele destaca uma distinção importante de que o mel é apenas aquilo que as abelhas produzem, todo o resto é um xarope. O mel é o terceiro produto mais falsificado do mundo. Tem muitos benefícios para a saúde. O mel foi descoberto em ânforas em pirâmides egípcias. No passado, todas as explorações tinham de manter abelhas. Tal era a lei de Maria Theresa. Outra regra era que, ao longo das estradas, árvores frutíferas tinham que ser plantadas para as viajantes. Ele percebe que as pessoas hoje em dia vão contra a natureza e que a natureza em troca às vezes contra-ataca. Os invernos não são os mesmos de antes. As abelhas voltam para as suas colmeias de dezembro até o final de fevereiro. Ele notou uma mudança na forma como as abelhas se comportam. Normalmente, as abelhas deixam as colmeias quando a temperatura externa é superior a 10°C, agora elas saem quando a temperatura atinge 9°C.

Um apicultor deve saber muito sobre as abelhas, mas também sobre as plantas, a diversidade das florestas, a natureza e as suas leis, porque na apicultura não existem regras ou datas rígidas. Um apicultor precisa de ser um bom observador. O conhecimento sobre abelhas e apicultura na sua família foi transferido de pai para filho. O pai de Aleksander recebeu um prémio do Presidente da Câmara de Slovenske Konjice pelo seu trabalho no domínio da apicultura, bem como três prémios Anton Janša da Associação de Apicultores da Eslovénia. Até agora, o pai de Aleksander era apicultor profissional, tendo recebido a sua qualificação em 1956. Em 2006, Aleksander tornou-se mestre apicultor. São a única família apícola na Eslovénia que possui estas duas qualificações. Aleksander é também presidente da Sociedade de Apicultores de Slovenske Konjice e da Associação de Apicultores de Slovenske Konjice.

O seu conhecimento sobre apicultura, Aleksander partilha com os seus descendentes. Também colabora com escolas e jardins de infância da comunidade local. Para os turistas que visitam Slovenske Konjice, ele prepara apresentações sobre a importância da apicultura, mel e os seus benefícios.

Que o mel flua!

**Palavras-chave: apicultura, apiário, mel, natureza, alterações climáticas**

Konrad Ž. tem 86 anos. Nasceu em casa, em Klokočovnik, perto de Loče. Tem três irmãos e uma irmã. Quando tinha 4 anos, as suas tarefas eram levar vacas a pastar. Ele ajudava os seus pais com o trabalho na sua quinta. Recorda que, quando tinha dez anos, o pai lhe fez uma foice pequena para que pudesse cortar relva. Ele também trabalhava para outros agricultores. Começava de manhã e trabalhava até à noite. Ele era pago pelo trabalho e recebia três refeições por dia também. Ele diz que eles produziam ou fabricavam quase tudo o que precisavam. Raramente iam às lojas e, quando iam, só compravam certos produtos, como fermento ou sal. Eles não pediam por nenhum doce, como fazemos hoje. Eles produzem seu próprio vinagre, óleo de sementes de abóbora e farinha. Eles tiveram que levar a água para casa, pois não havia abastecimento de água.

Mais tarde, quando tinha a sua própria família e quinta, fazia ele próprio a maior parte do trabalho. Fazia vassouras, ancinhos, etc. Ele sabia como fazer e consertar as coisas. Ele conta que trabalhou como trabalhador de manutenção ferroviária. Não gastou muito e poupou com a sua própria terra e uma quinta. A quinta está agora desocupada, uma vez que vive num lar residencial em Slovenske Konjice há um ano.

Ele ia à igreja nos feriados religiosos importantes. Eles prepararam "butara" para o Domingo de Ramos, antes da Páscoa e levaram para a igreja. Foi feito a partir de ramos de avelã, salgueiro, ulmeiro, cornus (Madeira) e uma caixa comum. Eles também adicionaram maçãs. Aqueles que podiam pagar, adicionaram laranjas também. Gostava de ir a »pušelšank«\*. Gostava de dançar e podia dançar polca, valsa, tango. Quando ele estava no exército em Belgrado, ele aprendeu a dançar sua dança tradicional "kolo" também. Ele apercebeu-se que as pessoas costumavam caminha durante uma hora para chegar ao seu destino. Eles tiveram que se esforçar para conseguir alguma coisa. Agora tudo é mais rápido e tem de ser feito imediatamente. Ele gosta de estar entre as pessoas. Isso é algo que não mudou. Quando olha para trás, diz que foi tudo de bom.

\*pušelšank – Os agricultores ocasionalmente vendiam o seu vinho ao ar livre "debaixo dos ramos das árvores" da primavera ao outono para esvaziar as suas barricas e preparar-se para a nova estação.

**Palavras-chave: férias, quinta, butara, práticas verdes, práticas verdes**

**Nome: Konrad Ž.**

**Idade: 86**





**Nome: Emil Mumel**  
**Idade: 64**

Emil Mumel já visitou vários países. Noruega, Coreia, Finlândia, Geórgia, Letónia, Roménia, Portugal, para citar alguns deles. Visitou alguns desses países com os escuteiros. É escoteiro desde 1975 e é um dos primeiros escuteiros em Zreče. Membros da organização de escutismo Green Rogla Zreče participaram de inúmeras competições estaduais e internacionais e alcançaram excelentes resultados. Eles também participaram do World Scout Jamboree, um encontro de escuteiros de todo o mundo. Desde 1995, participou do Jamboree 7 vezes até agora e o encontro deste ano, que será realizado na Coreia, será o seu 8º. O Jamboree é organizado de 4 em 4 anos. Nos seus primeiros quatro Jamborees, foi também o líder do contingente. Ele ressalta que, quando as crianças se juntam aos escuteiros, podem aprender muitas habilidades práticas. Mais importante ainda, desenvolvem as suas competências sociais, de gestão e de liderança. Mesmo mais tarde na vida, essas competências revelam-se úteis, por exemplo, quando se procura emprego. Ele sempre gostou de trabalhar com crianças e jovens, bem como passar tempo na natureza. Após 20 anos a ensinar matemática na escola primária de Zreče, em 2001 estava pronto para uma mudança de carreira. Esteve à frente do Centro de Educação Escolar e ao Ar Livre de Gorenje. Lá, poderia fundir o trabalho de um professor e um escoteiro, bem como o trabalho de projeto. Em 2004, participou na sua primeira reunião preparatória para um projeto em Berlim. Desde então, todos os anos prepara uma candidatura a um projeto ou é coordenador de pelo menos um projeto. Ao mesmo tempo, tem sido parceiro de projetos em inúmeros outros projetos. Todos esses projetos eram, na sua maioria, projetos do programa Erasmus+. Diz que nunca contabilizou todos os projetos em que participou. Ele ressalta que o mais importante é trocar experiências, aprender sobre outras culturas e tradições. Inúmeras lembranças de diferentes viagens em seu escritório são prova disso. Atualmente, ele está a preparar-se para uma viagem à Geórgia com um grupo de estudantes. Embora se vá aposentar dentro de alguns meses, ele acredita que continuará na ativa.

**Palavras chave: escuteiros, professor, viagens, projetos Erasmus+**

**Nome: Marija R.**

**Idade: 74**



Marija R. diz que a educação sempre andou de mãos dadas com o trabalho. Primeiro, eles tinham que fazer todo o trabalho na sua quinta para que pudessem sobreviver. Foi uma educação prática e vital para as suas vidas. Ir à escola e obter educação formal foi um privilégio para ela. Ela estava feliz por poder ir para a escola e suas notas eram boas, mas não havia muito tempo para estudar. Assim, quando estava na escola, aproveitava esse tempo para fazer os trabalhos de casa e ouvia atentamente os professores. Ela teve sorte porque os seus pais sabiam o quão importante para as crianças era ler livros. Costumam ler livros à noite; Não havia tempo para leitura durante o dia. O pai tinha a saúde debilitada e não podia trabalhar, por isso lia para as crianças em voz alta. Ele lia belos romances escritos por autores eslovenos, bem como a Bíblia Sagrada. As crianças então ouviram essas histórias e falavam sobre elas. Ela tem lembranças inestimáveis desses momentos com os seus pais. Ela ressalta que morava com os pais e os avós e que se sentia segura naquele ambiente. Os pais incentivavam-nos a ajudarem-se uns aos outros, para que ela ajudasse a irmã mais nova ou a avó a apertar os sapatos, por exemplo. Ela sempre teve uma imagem de como é a velhice à sua frente. Aprendeu muito sobre a vida, experiências de vida, adaptação, com os pais e avós.

Eles não tinham muito tempo livre, exceto aos domingos e feriados, quando todos participavam numa missa na igreja. Ela não podia esperar por esses encontros, já que os seus tios e vizinhos a vinham visitar. No final de qualquer trabalho agrícola, por exemplo a colheita, as pessoas cantavam canções folclóricas antigas. Ela lembra-se com carinho de brincar com seu irmão e irmãs em frente à sua casa. Trabalho manual, cozinhar, serrar, escalar uma árvore. Todas eram habilidades que eles tinham que aprender o mais rápido possível.

Ela enfatiza que tudo o que possuíam tinha que ser usado. Não sabiam o que eram resíduos nem plástico, aliás, quando começou a estudar, fizeram-lhe um cesto de folhas de milho, que usava como saco escolar, e ela teve-o até ficar completamente arruinado. O mesmo aconteceu com as roupas. Eles estavam gratos por tudo o que a natureza forneceu. Tinham de ter cuidado com o que tinham, e tinham de ser frugais. Comiam principalmente batatas, feijão, trigo, frutas, cogumelos e um pouco de carne. Tinham de produzir os seus alimentos. Eles não sabiam sobre doces e guloseimas. Para as férias, a mãe preparava "potica" e uns biscoitos e acabavam rapidamente. Eles respeitavam a comida e eram gratos por isso. Enquanto crianças, ficavam especialmente felizes quando havia férias, porque podiam passar tempo com os primos e vizinhos.

**Palavras-chave: quinta, natureza, canções folclóricas, família, artesanato**



**Nome: Marjan Grosman**

**Idade: 74**

Marjan Grosman é membro da Associação Alpina da Eslovénia desde 1964. O clube alpino Zreče foi fundado em janeiro de 1958. Tornou-se membro do clube quando regressou do serviço militar. Vários locais em Pohorje precisaram de ser marcados, então ele decidiu juntar-se ao clube. Tornou-se guia de montanha em 1986, há mais de 37 anos. Ele foi voluntário, dedicando as suas horas e tempo livre como voluntário. Ele diz que se vive para isso e com isso, então não é uma tarefa difícil. Se estiver em algo apenas para ganho pessoal, não funcionará, diz ele. Teve que passar por um exame para obter uma licença, que precisa ser renovada após um período de tempo. A sua primeira caminhada guiada foi a caminhada até Rogla. Ele lembra-se dos invernos frios em Rogla com muita neve. Especialmente o inverno em Rogla há mais de sessenta anos, quando havia tanta neve que as crianças não podiam ver do lado de fora. Na altura, Ana e Valter Podgrajšek eram cuidadores da cabana em Rogla e convidaram-no para passar as férias em Rogla e ajudá-los com o seu trabalho, já que nessa altura os alunos do liceu de Celje estavam lá para um curso de esqui. Quando o trabalho estava concluído, ele podia esquiar. Aceitou a proposta com prazer. Mas primeiro foi necessário chegar a Rogla, pois 1,5m de neve já tinha caído. Eles conseguiram chegar a Resnik de carro. A partir daí, foi necessário caminhar. Eles precisavam de dois dias apenas para levar toda a comida que precisariam para a cabana. Havia tanta neve, que eles não conseguiam ver a cabine. Eles só podiam ver os topos de abeto. Eles empurraram a neve para chegar à entrada. Acenderam o fogão e prepararam tudo para a chegada dos visitantes. Uma das suas tarefas era ir à quinta vizinha recolher leite fresco de manhã. Ele fazia esqui até a quinta, e ele amarrava os esquis no seu quarto e saía pela janela porque havia muita neve. Uma chávena de café quente e um pouco comida aguardavam-no na quinta todas as manhãs. Preparou lenha e certificou-se de que o fogão estava sempre quente. Ele diz que temos de saber olhar para a natureza, assim pode ver um monte de esculturas e sabe o que procurar.

Hoje em dia, gosta de fazer caminhadas sem escalar. Rochas e alturas já não o atraem. Ele esteve em Triglav mais de 20 vezes, contou até sua 20ª caminhada e depois parou de contar. Ele menciona que, entre outras coisas, visitou o Mont Blanc, no Aconcágua. Ele e sua esposa visitaram muitas regiões na Espanha e na Itália também. Eles foram acampar. Ambos amam a natureza e serem ativos, descansar na praia à beira-mar nas férias não é para eles. Junto com a esposa guiam grupos de caminhantes. Trabalham principalmente com crianças agora. Estabeleceram um bom contacto com a escola primária e o jardim de infância de Zreče. Existem atualmente 2 professores em formação de guia de montanha. Ele diz que sua geração não encontrou a tecnologia até serem mais velhos. Eles tiveram que encontrar para si próprios algo para fazer de modo a passar o tempo. A natureza era local favorito no qual faziam tudo. O desporto sempre fez parte do seu estilo de vida: basquetebol, futebol, andebol. Ele também é membro do Clube de Boliche Slovenske Konjice há 20 anos. Na mochila tem sempre uma mala, uma t-shirt sobresselente e uma blusa de mangas compridas, um boné, luvas, uma ligadura, um cachecol, líquidos, um top e um kit de primeiros socorros. As regras devem ser seguidas quando se está na natureza, diz. Também ressalva que há dois critérios para avaliar o sucesso: se gosta da caminhada, o topo não é o seu objetivo. O topo está sempre à sua espera. Os percursos medem-se por experiências e satisfação, não por quilómetros ou horas. Ainda assim, o seu relógio conta diligentemente os passos que dá todos os dias. Em maio, foi registrado que ele fez um total de 395.000 passos.

**Palavras-chave: guia de montanha, caminhadas, natureza, desporto**



**Nome: Pavel Skaza**

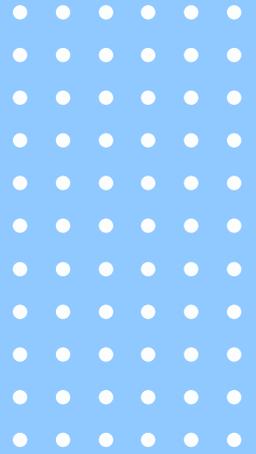
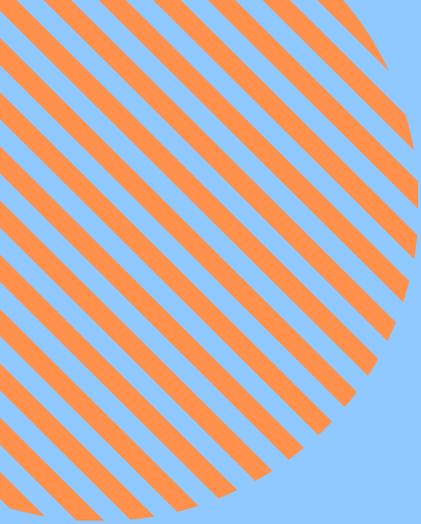
**Idade: 61**

Pavel Skaza tinha 39 anos quando começou a fazer violinos. Na sua família, toda a gente toca um ou mais instrumentos. Toca trompa de barítono, baixo e tuba. Um dia, ele estava a ler uma edição antiga de um livro sobre como fazer violinos, quando de repente o conhecimento e as experiências dos seus antepassados despertaram. Ou seja, um dos seus antepassados tocava violino, outro trabalhava com madeira. Imediatamente ficou claro para ele como devia fazer um violino. Nessa altura, trabalhava na área da manutenção, tanto numa escola de música como numa escola primária, com um programa educativo adaptado em Slovenske Konjice. Fala com orgulho e muita emoção sobre o tempo que passou naquelas duas escolas. Antes de começar a trabalhar aqui, já tinha completado a sua carreira de 14 anos como músico profissional, tendo tocado em várias bandas por toda a Europa.

Ele melhorou as suas habilidades e conhecimentos para fazer violinos participando em vários workshops na Suíça, Alemanha e Itália. Também colaborou com renomados fabricantes de violinos. Em 2005, entrou pela primeira vez num concurso internacional para fabricantes de violino e, logo em 2010, o seu violino foi classificado em 9º lugar na categoria de tom e em 36º lugar geral entre os 480 violinos que tinham sido avaliados. Os seus instrumentos são inteiramente feitos à mão, incluindo lacagem e polimento. Utiliza apenas materiais naturais e ecológicos (colas, lacas). Na sua oficina, também conserta e restaura todos os instrumentos de cordas curvadas.

Ele menciona muitas anedotas na sua oficina e explica que a vida consiste em pequenas e grandes rodas. As rodas pequenas giram rapidamente e, ao fazê-lo, movem rodas maiores, que giram lentamente, às vezes até impercetíveis, mas estão em movimento mesmo assim. Estavam a correr e ele caiu na terra. Percebeu que tinha tropeçado numa corda e quando puxou a corda para fora da terra, havia um pergaminho de um violoncelo no fim da mesma. Limpou o pergaminho e prendeu-o a uma base de madeira, como um copo. Uma pequena roda colocou em movimento uma grande roda e muitos anos mais tarde pode visitá-lo na sua oficina em Spodnji Dolič. Ele mora com a esposa. Já começou a transferir os seus conhecimentos sobre a confeção de violino para uma das suas duas filhas que se juntaram a ele na sua oficina. Recentemente tornou-se avô.

**Palavras-chave: fabricação de instrumentos, música, madeira.**



# Recolha de Histórias - República Checa



Vladimíra R.

Idade: 55 let

"«A natureza é um recurso o qual posso tirar, mas tenho de devolver», afirma a Sra. Vlad'ka. Ela nasceu em Praga, onde passou quase toda a sua infância, exceto por 1 ano e meio, que passou com o seu avô no sul da Boêmia. A sua infância nem sempre foi idílica. Depois do acidente dos pais, quando perdeu o pai, vivia apenas com a mãe deficiente, e às vezes era difícil. O dinheiro não era muito, mas manteve o otimismo que a acompanha ao longo da vida. Ela viajou muito na sua juventude, visitando Índia, África, México e outros países. Foi depois da Revolução de Veludo que as fronteiras se abriram, por isso aproveitou as oportunidades que lhe foram oferecidas. Após o ensino secundário e a faculdade de economia, foi para a Sorbonne como parte do projeto Erasmus, onde obteve um doutoramento. Embora estivesse a aprender francês, em Paris descobriu que não conseguia realmente comunicar, mas manteve-se fiel a isso e em 1 ano e meio conseguiu escrever uma excelente dissertação.

Depois de regressar de França, trabalhou na banca, dedicou-se a vários projetos e orgulha-se da introdução de uma ferramenta para a especulação das taxas de juro. Apesar de interessante, não ficou muito satisfeita com este trabalho, pelo que saltou de volta ao círculo da cerâmica durante 1 ano e meio e dedicou-se à criação, por exemplo, a queima de madeira japonesa ou o antigo processo pré-histórico de processamento de argila. Durante a licença parental, começou a dar aulas e, assim, criou o seu próprio negócio. Onde permaneceu até hoje, completando mais reciclagem no campo e treino em coaching. Como parte de seu negócio, ela lida com seus negócios com clientes (especialmente gerentes de pequenas e médias empresas). Aborda vários temas, de gestão, económicos, mas também psicológicos.

A Sra. Vladika está cheia de energia. Hoje, fora de suas atividades de trabalho, ela tira fotos de pessoas. Ela também gosta de criar joias em arame. Ela vive com seus 2 filhos adultos em Jílové u Prahy, onde renovaram a casa, desfruta do jardim e dedica-se totalmente ao seu negócio.

**Palavras-chave: coragem, resiliência, perspectiva, humor, flexibilidade, optimismo.**



Jan K.  
Idade: 70

Jan viveu toda a sua vida numa pequena aldeia em Slovácko, Morávia do Sul. Ele tem três irmãos. O seu pai trabalhava na montagem e ficava fora a semana toda; A mãe era responsável por toda a casa, pelos campos e pela casa. Mesmo assim, tinham uma pequena vinha, alguns campos e cuidavam de muitas árvores de fruto. Enquanto criança, ia com os irmãos recolher ameixas que tinham caído das árvores que estavam à beira dos campos e no jardim. Ele lembra-se dos "gulovačky", que eram pequenas ameixas azuis redondas e muito doces. Além disso, segundo o avô, era uma "base adequada para fermentação". Era a sua atividade menos favorita. As ameixas recolhidas foram colocadas em cubas de carvalho e cinzas. Lá, foi permitido fermentar até atingir o chamado "ponto morto", quando não podia fermentar mais. Se estivesse quente, a fermentação corria melhor. Quanto mais doce a fruta e maior o tempo de fermentação, menos açúcar residual permanecia na fruta. Após a fermentação, usaram uma destilaria e o fermento foi levado para ser queimado. A qualidade da aguardente caseira dependia da forma como o fermento era preparado. O pior foi quando começou a chamada "fermentação do vinagre" - quando o vinagre entrou em vez do álcool, o que na maioria das vezes acontecia com frutas de verão ou quando o processo de fermentação era interrompido. Todo este processo é uma espécie de alquimia, o conhecimento dos processos químicos foi passado ao seu pai pelo seu avô, e o seu pai transmitiu-lhe ao longo do tempo. O Sr. Jan então transmitiu essa experiência e conhecimento aos seus filhos. Ele conta que, apesar de ter passado a experiência, os jovens preferem comprar álcool na loja, porque fazer aguardente caseira é demorado e os preços da destilaria estão altos agora.

Todos os que fazem aguardente caseira tem seu próprio procedimento e técnica. O Sr. Jan só faz fermentação a partir de ameixas. Como ele diz, alguns produtores até arrancam os caules e descascam a fruta ou até adicionam açúcar. Segundo ele, é melhor quando a fruta é naturalmente doce e "tem bastante sol", porque a adição de açúcar reduz a qualidade resultante da aguardente de ameixa, que é chamada de slivovice.

**Palavras-chave: fermento, aguardente de ameixa, slivovice, gulovačky**



Božena K

Idade: 84

A Sra. Bozena nasceu no pós-guerra numa pequena aldeia na Morávia do Sul. Lembra-se de como tinham a quinta e ajudava em casa, aproveitava os cavalos e, aos 13 anos, conduzia uma carroça puxada por cavalos para levar "deputados" (uma parte da colheita) à quinta coletiva. O seu pai trabalhava como motorista de uma ambulância e ela tinha uma irmã mais velha. Os pais queriam que ela fosse enfermeira. Como ela própria diz, era estúpida, porque apesar de ter boas notas, fugiu de um ano de estudo depois da escola primária porque queria ganhar dinheiro. Por isso, aos 15 anos, começou a trabalhar numa fábrica de conservas. Depois juntou-se à Kordárna, onde trabalhou na fábrica de enrolamento - enrolando fibra industrial em enormes carretéis, que era usada na produção de pneus para aviões a jato. Depois disso, a irmã convenceu-a a ir trabalhar para uma olaria onde podia ganhar mais dinheiro. Finalmente, por causa dos filhos, ela se juntou à quinta coletiva local, onde trabalhou como leiteira até ao final de sua carreira profissional. A Sra. Bozena é conhecida em toda a aldeia por cozinhar o melhor "vdolečky". Estes são bolos tradicionais feitos de massa de fermento, recheados com queijo cottage e passas, decorados com "sprinkle" ou migalhas feitas de farinha, manteiga e açúcar. Aprendeu a receita tradicional quando tinha vinte e poucos anos. Ela começou a ajudar uma "tia" da aldeia que estava a cozinhar panquecas na época. Além de vdolečky, ela também a ajudou a fazer "báleše", que são pães achatados feitos de massa simples levedada, cozinhados secos no fogão e podem ser comidos doces ou salgados. Ela diz que sua receita para o vdolečky é muito antiga, porque a tia tinha mais de 50 anos na época. Ele gosta de passar a experiência dela e compartilhar a receita. No entanto, o processo de elaboração é demorado, a massa tem que ser "misturada" várias vezes, e mesmo que a quantidade seja preparada seja pequena, leva muito tempo. Ela cozinha com amor, exatamente de acordo com a receita antiga e com muita honestidade. Ela não economiza nos ingredientes, o que talvez seja a razão pela qual seus vdolečky de uma dentada só sejam os mais populares do bairro.

A dona Bozena tem três bisnetos e 4 bisnetas, com quem se dá muito bem. Mesmo com a sua idade, é ativa, vai ao teatro e em viagens com o clube dos reformados. Gosta de animais, em casa tem um papagaio chamado Žofka, a quem ensinou a falar. É uma visitante regular das corridas de kart que um dos seus bisnetos conduz. Como ela mesma diz com um sorriso: "Eu sou definitivamente a fã mais velha nas corridas, mas se puder, não vou perder uma corrida".

**Palavras-chave: báleše, vdolečky, bisnetos**



Eva Š.

Idade: 70

Eva formou-se numa escola secundária de hotelaria e depois, enquanto empregada, na Faculdade de Economia. Teve uma vida profissional variada – trabalhou na gastronomia, um dos seus trabalhos foi gerir 58 restaurantes, também lecionou, e tem muita experiência como representante comercial. Ela está aposentada e ainda trabalha de 4 a 6 horas por dia, agora como coordenadora de RH.

Vive em Čeladná (República Checa) com a sobrinha e a filha. É viúva há 5 anos, tem 1 filho casado e um neto. Ela cuida de animais e gosta de cozinhar. Acompanha bloguistas e mostra com foco das tendências da gastronomia. Ela percebe que na sociedade há desconhecimento da tecnologia e do tratamento alimentar, o que tem um efeito negativo no sabor dos alimentos. Gosta de transmitir a sua experiência na área da gastronomia. Por exemplo, ela faz “repolho”, que não engrossa com farinha, mas com batata ralada. O ambiente é importante para ela, especialmente porque não gosta de desperdiçar comida.

No Dia de Santo Estêvão (26 de dezembro), ela mantém o costume Beskydy (montanhas na República Tcheca) de "carregar a felicidade". Um ramo de abeto é decorado e é usado para "caroling" (visitas). Um determinado ramo de abeto é exposto (na foto é colocado no quadro) e traz boa sorte para todo o ano. Será queimado dentro de um ano para ser substituído por um novo ramo da "felicidade".

Seu lema na vida não é se prender ao que se aprendeu uma vez, mas aceitar abertamente as mudanças.

**Palavras-chave: gastronomia, costumes**



Pavel V

Idade: 59

Pavel formou-se no liceu e depois na Faculdade de Educação, com especialização em educação física e cívica. Mais tarde, enquanto estava empregado, completou o bacharelato estatal em gestão de empresas na Faculdade de Economia. Começou a sua carreira profissional como professor, depois trabalhou durante 8 anos na Câmara Municipal de Frýdek-Místek como presidente da câmara e durante um ano como diretor de um banco. Desde 2000, trabalha como formador de cursos para adultos na área de soft skills, comunicação, apresentação, gestão, negócios, etc. É um formador certificado. Ele também trabalhou como diretor executivo durante três anos, onde usou a sua experiência em gestão de desenvolvimento.

Tem 7 filhos (o mais novo tem 17 anos e a filha mais velha 38) e 8 netos. Passava o tempo livre com os filhos a praticar desporto. É uma satisfação dos pais, e para ele, que os filhos se deem bem e que a família se reúna quase todos os fins de semana. Participa ativamente em eventos para a paróquia - forma e incentiva conferencistas, participa na organização de noites de casamento e eventos para os paroquianos. Todos os anos ele vai a uma peregrinação a pé para Velehrad com os seus 3 amigos, eles têm caminhado regularmente em diferentes locais por 15 anos. A sua peregrinação varia conforme o percurso percorrido, às vezes viajam/caminham mais de 150 km.

Para ele é importante não apenas falar sobre as coisas, mas realmente fazê-las - para ser útil e benéfico. É por isso que começou a trabalhar como voluntário num hospício em 2016, onde ele conversa semanalmente e passa tempo com pessoas que lá estão.

Ele vê sentido na comunicação e nas relações. Percebe a escuta mútua como essencial, quando os jovens aprendem com os mais velhos e vice-versa. As crianças obrigam-no a não ficar parado e a pensar em coisas que, de outra forma, poderia não prestar atenção.

**Palavras-chave: família, educação, paróquia**



Iveta B.

Idade: 60

Iveta é uma pessoa muito ativa, ela exala energia e é cheia de ideias e inspiração. Como ela mesma diz, sua maior força motriz foi a sua avó, que substituiu os seus pais desde cedo e ajudou a criar o seu irmão, que era 4 anos mais novo. Quando a mãe morreu, quando tinha 17 anos, e o pai, quando tinha 25, a avó mudou-se com eles para a aldeia e ensinou-lhe o amor pela natureza, pela agricultura e incutiu-lhe a fé em si mesma. Até hoje, ela beneficia dos seus exemplos e conselhos, especialmente da terapia ocupacional, que a ajudou a superar os momentos mais difíceis de sua vida, e os acompanha no seu trabalho em instituições para deficientes físicos e mentais.

Depois de estudar na VŠB, trabalhou brevemente no departamento económico da ČKD, mas, após a licença parental, decidiu tentar outra coisa. Sem experiência prévia ou formação na esfera social, ela candidatou-se ao processo seletivo para se tornar diretora da casa de Bylany e venceu. Começou há 25 anos e ainda hoje trabalha lá, conseguiram abrir mais 3 instalações, quer para utentes permanentes, quer para cuidados paliativos. Hoje ela é a diretora de 3 lares. Têm centenas de clientes que estão com eles para toda a vida. Na verdade, ninguém os abandona, são como uma "grande família". Aqui inspirou-se muito nas palavras da avó de que a terapia ocupacional está acima de tudo, por isso, mesmo que por vezes tenham clientes com deficiências muito graves, tentam envolvê-los o mais possível nas atividades diárias normais, não só à sua volta, mas também para o estabelecimento e para a comunidade em que residem. Os clientes trabalham na aldeia em serviços de limpeza, distribuição de folhetos, na cozinha ou gestão doméstica, e aqueles que podem trabalhar de forma independente noutras organizações, por exemplo, na torrefação de café.

Iveta usa todas as opções disponíveis para o desenvolvimento, não só de si mesma, mas também dos seus colegas e no desenvolvimento da instituição. Já visitou instituições em quase todos os países europeus e usou essas inspirações para si e para os seus clientes. Hoje, dá palestras sobre esses sucessos e experiências em conferências, e reuniões de diretores de tais instalações em toda a República Checa. Tem um nome maravilhoso na região da Boêmia Central, a sua instituição tem muitos apoiantes. Iveta está orgulhosa dos seus colegas, do que conquistaram juntos, e valoriza o apoio da sua família, especialmente do seu marido, 2 filhos adultos, e dos seus 2 netos pequenos, que a fazem feliz. Nos tempos livres, passa o tempo no jardim e no hóquei, que acompanha apaixonadamente nos estádios.

**Palavras-chave: serviços sociais, terapia ocupacional, avó, inspiração.**



Libuše H.

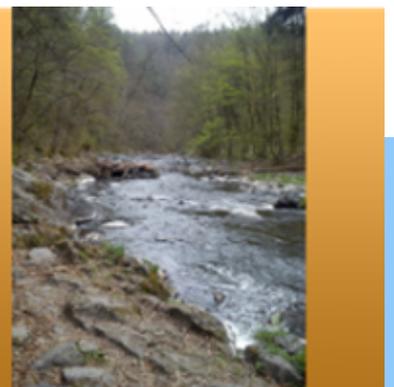
Idade: 61

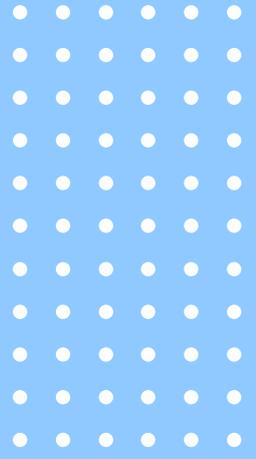
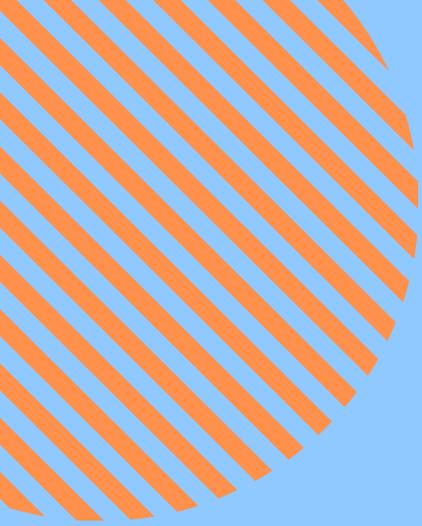
Libuše nasceu e cresceu numa pequena cidade de Vysočina. Queria ser professora desde pequenina. Devido ao facto de os seus pais não serem membros do Partido Comunista da República Checa, só entrou na universidade através do ensino à distância no domínio da educação especial. Durante os seus estudos, trabalhou como professora numa escola especial e, em seguida, como dirigente de atividades extracurriculares numa escola profissional secundária. Após a licença de maternidade, começou o seu emprego de sonho como professora primária. Apesar de ter "fugido" do ensino ao longo da vida e de ter trabalhado durante algum tempo no gabinete, no departamento de assistência social, na direção de um centro de atividades diurnas para pessoas com deficiência mental ou como pedagoga especial num centro de aconselhamento pedagógico-psicológico, acabou por regressar ao ensino.

O seu grande amor e paixão é a escrita. Embora o início de seu trabalho recaia no período dos seus estudos do ensino secundário, começou a escrever mais intensamente aos 42 anos, de forma a lidar com a morte de seu pai. Agora, lida com as suas emoções e sentimentos escrevendo poesia - escreve quando está feliz e sente-se feliz, inspira-se mesmo em situações difíceis da vida. Além da poesia, escreveu um conto de fadas para crianças "Daisy Aninka". Durante muito tempo contribuiu para o web blog do jornal IDnes. Sobre escrever para o jornal, ela conta que foi muito simples. A pessoa só precisa de se registar e, ao escrever, atender às condições especificadas em relação ao objetivo e conteúdo inadequado. Agora já não contribui com os seus artigos, colunas e comentários, mas o blog continua a funcionar até hoje. Se o artigo tiver sucesso o leitor ou editor receberá mais publicidade. As pessoas podem dar as suas opiniões ou classificações para os artigos no blog, e o autor assim recebe feedback sobre o que ele escreve. Publicou o livro "Nas sombras atrás do espelho", que trata da vida com a psicose, do qual é coautora - aqui conta a história de uma conhecida que luta contra esta doença. Os seus outros créditos de escrita incluem um romance mais curto "No balanço entre a dívida e o amor", que pode ser encontrado no seu site, e está atualmente a concluir o romance, Respirar! Saltar... E voar!. Ela inspira-se nas histórias das pessoas ao seu redor.

Ainda vive com o marido na mesma cidade de Vysočina onde nasceu, tem 2 filhos e uma neta. Tem trabalhado com pessoas toda a sua vida. Quer sejam crianças ou adultos que estão numa situação difícil e precisam de ajuda. Além de escrever, os seus hobbies incluem jardinagem, teatro e tango argentino.

Palavras-chave: escrita, blog, romances, jardim.





# Recolha de Histórias - Portugal





Odete Molero  
Idade. 80

Durante a minha vida profissional fui empregada dos Correios Postais, mas para chegar lá, passei um bom bocado, tive de estudar à noite porque trabalhava de dia. Não tinha possibilidade de só estudar, porque os meus pais não me pagaram os estudos. Sempre tive boas relações com os meus pais e a minha infância foi muito feliz. Trabalhei nos correios 30 anos a atender o público, gostava do que fazia, porque sempre fui uma pessoa que gosto de conviver e gosto muito de falar. E na altura as pessoas iam ao balcão dos correios e muitas até desabafavam sobre a vida delas, e ouviamos e dávamos um pouco de alento. Trabalhei no balcão dos correios de uma aldeia em que as pessoas importantes eram, a senhora dos correios, a professora e o médico. Casei, tenho um filho e 3 netos e vou ter um bisneto.

O meu ideal sempre foi bordar e costurar, tudo o que eram trabalhos manuais é que eu gostava de fazer. Embora a leitura seja importante, não gosto muito de ler. Atualmente, e desde que regresssei a Évora, fui morar para a quinta e tenho muito trabalho agrícola. Frequento a universidade senior, onde aprendo, convivo e criei amizades, e onde há um coro em que vamos cantando a brincar e dá um certo sentido à vida e esquecemos muita coisa.

Sou uma pessoa preocupada com o meio ambiente, acho que não devemos derrubar árvores, tenho muitas árvores centenárias na minha quinta, mas não as derrubo. Tudo isto faz bem ao ambiente.

A minha alimentação sempre foi mais à base de frutas e vegetais. Ainda hoje tenho vantagens ao nível de saúde por isso e como mais peixe e vegetais do que carne. Gostava muito de todas as festas que tivessem dança, desde nova que canto e danço. Na minha casa nas festividades do natal e da páscoa, juntávamos a família para conviver, cantar e dançar.

Convivo muito com os meus netos e brinco muito com eles. Ensinei-lhes os contos antigos, as brincadeiras, ensinei-lhes tudo o que sabia.

Como frequento a Universidade Sénior, estou sempre a participar em aulas e a aprender, aqui e em projetos no estrangeiro, onde já fui com a Universidade Senior.

O que mais gostava de fazer e vejo que já não tenho essa possibilidade, é teatro. Quando vim para a Universidade Senior tínhamos aula de teatro, fizemos 2/3 peças. Gostava de fazer novamente, mas com esta idade já não é muito fácil decorar as falas, mas gosto muito do ambiente do palco e dos ensaios.

**Palavras-chave: Família; Posto de Correios Postais; trabalho agrícola.**



Manuela Pascoal  
Idade: 76

Vivi em Lisboa, a minha educação foi sempre a respeitar os outros, portanto era um ambiente familiar muito saudável. A educação escolar foi primeiramente na Liceu de D. Filipa de Lencastre, depois fui tirar um curso profissional de Secretária, mas queria ter sido Assistente Social. No entanto, para se tirar o curso de Assistente Social, não se poderia ter trabalhado antes, assim fui estudar para um Colégio de adultos (o 6º e o 7º ano), para depois entrar na Faculdade.

Entretanto, tirei o 6º e o 7º ano, conheci o meu marido, e resolvi “servir-me” do curso de Secretária que tinha, para arranjar emprego. Casei, tive três filhos, e as relações familiares são muito boas.

Durante os tempos livres, faço Bordados de Castelo Branco, Crochet, Ponto de Cruz, Bordados de Arraiolos e Costura.

Atualmente trabalho em revenda de acessórios, como me preocupo com a sustentabilidade e ao meio ambiente, trabalho com uma coleção em que utiliza no fabrico o couro que é reciclado. Isto porque, por ano, são desperdiçadas 100 toneladas de couro de malas e calçado de grandes marcas da Alta Costura (por exemplo Gucci, Louis Vuitton). E esta marca com que eu trabalho, utiliza esses restos de couro, que são aproveitadas de forma sustentável, para fazer malas e calçado.

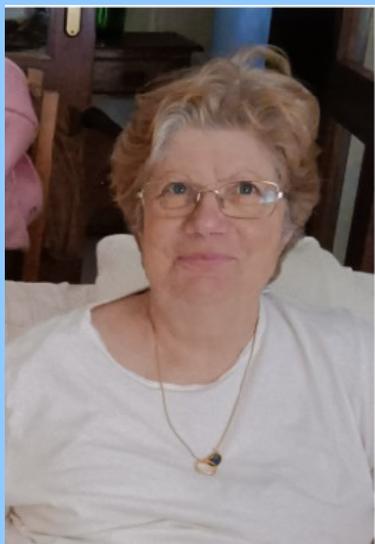
Durante as tradições e festividades do Natal, tenho o hábito de reunir a família. Os doces são os típicos de Natal e eu faço umas broas, que um dos meus netos afirma: “Até já cheira a Natal!”.

Como tenho uma grande destreza manual, os conhecimentos que transmito às gerações mais novas, não são tão receptíveis a este género de artesanato (acima referidos). No entanto, a culinária ainda vou transmitido aos meus filhos e aos meus netos. Por outro lado, posso afirmar que as gerações mais jovens, oferece-nos outras maneiras de pensar. É também com eles que tenho aprendido bastante a nível da Informática.

Na minha perspetiva, os maiores obstáculos para ensinar outras gerações, são a falta de interesse, a disponibilidade, a falta de oportunidade e a motivação para participar nestas atividades de artesanato. Porque de resto, estava aberta a transmitir esses conhecimentos.

Num momento oportuno, gostaria de adquirir novas competências a nível digitais e linguísticas.

**Palavras Chave: Sustentabilidade; destreza manual; artes de bordar.**



Marília Vaz  
Idade: 75

Durante o meu tempo apenas estudei até 7<sup>a</sup> ano antigo. Trabalhei como administrativas na Função Pública. Antes de me reformar, estava a trabalhar na secretaria de uma escola a EB 2,3 Sebastião da Gama. Sou viúva e tenho 2 filho, um rapaz com 44 anos e uma rapariga com 35 anos. Tenho 3 netos duas meninas e um menino que me deixam muito Feliz.

Gosto muito de trabalhos de artesanato, noutro tempo até fiz um curso de estanho. Das coisas que mais me dá prazer é fazer trabalhos em croché nos meus tempos livres.

Penso que é importante fazermos a reciclagem, por isso, tenho por habito fazer a reciclagem de vidro, plástico e papel em casa.

Uma das coisas que mais prazer me dá é cozinhar, porque é algo que me relaxa. Gosto muito de receber os meus familiares nas festividades, com boas iguarias.

Longo da minha vida transmiti as minhas experiências e conhecimentos a outras pessoas, principalmente aos meus filhos. Também sempre achei que se aprende sempre alguma coisa com a geração mais nova, pois eles têm crescido num mundo mais tecnológico e mais evoluído.

Infelizmente ultimamente não tenho participado em cursos nem workshops, porque o local onde vivo tem sido um entrave a novas aprendizagens, a uma vez que não existem muitas atividades novas nem atividades intergeracionais.

Gostava ainda de poder aprender mais sobre as novas tecnologias, pois é uma área cada vez mais necessária e eu sinto que está sempre em constante avanço.

**Palavras Chave: Aprender; Cozinhar.**



Maria Helena Chumbo  
Idade: 67

Fiz a escola básica na aldeia onde nasci, e depois vim estudar para Évora onde fiz o Curso Geral de Administração e Comércio. Portanto, qualifiquei-me para trabalhar em escritórios e correios.

Dá-se o 25 de abril, e não consegui encontrar emprego. Casei, engravidei, e as hipóteses de encontrar trabalho eram cada vez menos.

De seguida, fomos viver para Setúbal, onde finalmente arranjei um emprego numa loja na Baixa da cidade. Mas o salário que recebia, era todo para pagar à ama que ficava com a minha filha. Portanto, como não compensava, desisti e comecei a trabalhar em casa: a fazer toalhas de renda e outros trabalhos para depois vender.

Mais tarde, consegui trabalho numa fábrica, até que decidimos mudar para Estremoz, onde tive uma loja de roupa e em simultâneo fazia os tapetes de Arraiolos.

Quando era criança, tinha o hábito de ler muito, graças à biblioteca itinerante, que havia na época, e que circulava pelas aldeias. Felizmente, ainda tenho o hábito de ler, mas também gosto de jardinagem, e ensinar Bordados de Arraiolos na Universidade Sénior de Évora.

Preocupo-me muito com a sustentabilidade e as questões ambientais, nomeadamente na poupança da água, na separação dos lixos e na compostagem, para depois colocar o substrato nas plantas.

Na minha aldeia natal, temos as festividades, em honra dos Santos, e a tradição é sempre comer um cozido de grão. Como os meus genros não são do Alentejo, não conheciam o cozido de grão, e agora adoram! Portanto, as minhas relações familiares são boas, e damos-nos todos muito bem.

Também na minha aldeia, temos o encontro com as crianças da Pré-Primária, onde transmito os meus conhecimentos. Sinto-me feliz ao ensinar e a transmitir as minhas vivências.

Os maiores obstáculos que encontro na transmissão desses meus conhecimentos (como o Ensino dos Bordados de Arraiolos), é que as pessoas não querem aprender: “Ah, não sei fazer!” “Ah, não quero ir”, “Ah, depois isso é aborrecido”.

Futuramente, gostava de adquirir competências digitais, porque não sei muito sobre as novas tecnologias.

**Palavras-Chave: Fábrica, Leitura.**



Maria Antónia  
Pombinho  
Idade: 59

Nasci em São Bartolomeu do Outeiro, concelho de Portel. A minha família era muito humilde, e bastante numerosa. Os meus pais conseguiram educar 10 filhos com algumas dificuldades.

Frequentei apenas o Ensino primário, mas os meus pais queriam que continuasse os estudos até ao 6º ano. Preferi abandonar os estudos e entrar no mundo do trabalho agrícola aos 14 anos.

Depois, uns anos mais tarde, vim para Évora servir a casa da Juíza do Tribunal da cidade. Mas o meu grande sonho era ser cabeleireira. A minha mãe fez o sacrifício de pagar o curso, que naquela época era bastante caro: 40 contos! Comecei a frequentar o curso de Cabeleireira, mas não o terminei completamente porque comecei a namorar com meu marido. Ele emigrou para a Suíça, e quando veio a Portugal de férias, fui com ele à procura de uma vida melhor.

As nossas relações familiares, são muito boas, frequentamos regularmente a casa uns dos outros, e protegemos a saúde dos irmãos mais velhos.

Ainda tenho por hábito, todos os anos na quinta-feira de Ascensão (Páscoa) jejuar carne até ao sábado ao meio-dia.

Como sou fascinada pelo mundo da botânica, transmito os meus conselhos tanto a pessoas mais novas como mais velhas. Por exemplo, um dos conselhos que eu dou, é quando plantam uma flor, é regá-la diariamente.

Ao transmitir esses conhecimentos sinto-me feliz, mas também gosto de ouvir e de aprender, embora, pense que estas novas gerações, não gostam tanto de aprender como as gerações mais velhas, porque focam-se essencialmente nos estudos e no trabalho.

**Palavras-Chave: Botânica, Agricultura.**



Francisco Pombinho  
Idade: 64

Nasci na aldeia de São Bartolomeu do Outeiro, concelho de Portel. Vivi com os meus avós paternos até à idade escolar. Os meus avós tinham uma horta de grandes dimensões onde existiam animais e árvores de fruto. Fiz a escola até terminar o ensino primário.

Depois comecei a trabalhar na agricultura (no tomate, azeitona, cortiça, vindima). Quando terminei a atividade na agricultura, iniciei o curso/trabalho de mecânico. Como o salário era baixo, comecei a trabalhar na construção civil. Entretanto casei, tenho uma boa relação familiares com as minhas filhas e a minha esposa. Infelizmente os meus pais já faleceram, mas tínhamos uma boa relação.

No entanto, a população da minha aldeia, era uma população de emigrantes, o que me levou a partir para a Suíça, à procura de uma vida melhor, entretanto regressei ao meu país.

Gosto de ajudar a minha esposa na jardinagem, trabalhos de bricolage e nas tarefas domésticas, como cozinhar.

Praticamos reciclagem e somos sustentáveis porque fazemos a separação do lixo doméstico e das embalagens.

Lembro-me da época do Carnaval na minha aldeia. Faziam um boneco construído de palhas e vestiam-no. No dia de Cinzas queimavam o boneco.

Ao longo da minha vida já transmiti os meus conhecimentos de mecânica a pessoas novas, inclusive às minhas filhas. Fiquei feliz, ao transmitir estes conhecimentos de mecânica tradicional, porque os automóveis de hoje em dia são mais modernos e sofisticados.

Contudo, é difícil transmitir os conhecimentos, porque os mais novos não gostam de aprender.

**Palavras Chave: Migração; mecânica.**



Maria Luísa Henriques  
Idade: 71

Nasci em Angola, fiz o 5º ano do liceu, depois fui para o Instituto Pio XII de Educação e de Serviço Social que havia em Luanda, fazer o curso de Educadora Social. Tenho 4 filhos que criei sozinha e que me dão todo o apoio possível e imaginário. Gosto muito de ler, e esse gosto foi me inculcado pelo meu avô. Como ficou cego muito cedo, nas férias comprava livros para lhos ler.

Iniciei a minha carreira como Educadora Social em 1969, num organismo que se chamava Junta Provincial de Povoamento. Trabalhava e estudava, porque era um organismo que precisava muito de Educadores Sociais, e, portanto, empregava estudantes e pagava-nos o salário. Não tínhamos férias escolares, porque tínhamos que trabalhar na agricultura, nas sanzalas com as comunidades rurais.

Em 1982, vim pela primeira vez a Portugal, e tive contacto com o Instituto Superior de Serviço Social no Mitelo em Lisboa, em que havia o curso de Assistentes Sociais, a regime pós-laboral onde realizei o curso. Regressei a Luanda em 1986, mas em 1994 tive que regressar novamente a Portugal por motivos de saúde. Em 2002, comecei a trabalhar na Universidade de Évora, e inscrevi-me no mestrado de sociologia e fiz também uma Pós-Graduação em Estudos Transdisciplinares, Economia, Direito e Sociedade na Era da Globalização.

Em Angola era convidada para ensinar a fazer trabalhos manuais a Educadores de Infância. Também trabalhei com crianças, a quem transmiti muitos dos meus conhecimentos de quando era criança, por exemplo ensinava músicas, contava histórias e jogos.

Eu era apaixonada pelo Carnaval de Angola. Ia para a rua, e misturavam-me nos grupos para festejar o Carnaval. E ainda hoje tenho um grupo preferido: o Grupo da Ilha dos Pescadores. Atualmente ainda participo em muitas atividades intergeracionais, contudo existem obstáculos nestas atividades como, a personalidade das pessoas, que são muito fechadas, e afirmam que não têm capacidade de participar nas atividades. Ainda quero adquirir mais competências a nível da destreza manual e cognitivas.

**Palavras Chave: Assistente Social; Angola; intergeracional.**



Brázia Vieira

Idade: 74

A educação era a rigor, o meu pai era muito rigoroso. Comecei a trabalhar com 7 anos na quinta onde morávamos. Durante a semana frequentava a escola e durante o fim de semana ajudava na quinta. Éramos pobres, mas o meu pai queria que continuasse os estudos, mas eu não gostava de estudar, queria trabalhar para ganhar dinheiro. Assim, só tirei o 3º ciclo na Escola de Santa Clara.

Não passávamos fome, porque tínhamos alimentação com abundância na quinta. As casas eram uma miséria e o vestuário também. As roupas eram doadas, e a minha mãe transformava-as em vestidos. Mas no fundo, éramos felizes: tínhamos muitos animais e muitas árvores de frutos. A minha irmã, que ainda queria prosseguir nos estudos, estudava à luz do candeeiro a petróleo.

Aos 14 anos, fui trabalhar para a costura, onde ganhava 10 tostões por dia. Naquela época não havia os supermercados que conhecemos hoje em dia, a Spar era a única cadeia de supermercados, e fui para lá trabalhar, até ter um emprego melhor, também trabalhei em lojas de vestuário. Entretanto, uma amiga minha arranjou-me emprego para um Centro de Saúde em Lisboa. Como já namorava o meu marido, pensávamos em casar, e ele já tinha uma loja. Vim de férias a Évora, e pedi transferência a pedido dos cônjuge, que davam com facilidade. Depois trabalhei 30 anos nos Centros de Saúde em Évora, até me aposentar.

Tive uma relação familiar muito boa, embora o meu pai tenha sido uma pessoa muito rígida. Com a minha irmã dou-me muito bem e felizmente, a relação com o meu filho também é muito boa, tanto que estou a criar-lhe os filhos.

Gosto de fazer a limpeza da casa, faço as refeições mas não gosto muito. Tenho pouco tempo para lazer, mas o pouco tempo que tenho para lazer, é para ver televisão e ler.

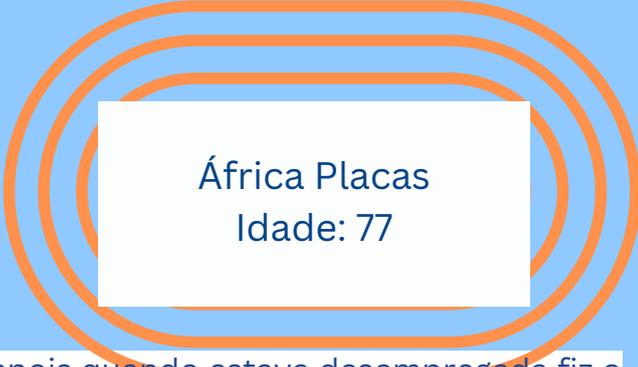
Gosto de trabalhos manuais, antes fazia muitas colchas e napperons em renda e também malhas. Agora já não faço porque não tenho tempo, mas gostava muito de fazer.

Gostava de ir às festividades das aldeias e à Feira de São João.

Só passo a minha experiência para os meus filhos e para os meus netos, já contei aos meus netos as minhas experiências de vida, embora eles não acreditam, pensam que são histórias inventadas. Mas não é, é a pura realidade. O meu neto mais velho diz: “Ah isso são conversas da minha avó”. Ao meu neto mais novo, ao Vasco, conto-lhe muita coisa, e ele gosta de ouvir. O que me faz feliz, porque como falo do antigamente com uma abertura tão grande aos meus netos.

Ainda gostava de aprender as novas tecnologias, como por exemplo as redes sociais, a Internet. Infelizmente, não tenho tempo. Se tivesse tempo gostava, de estar no computador e entrar em contato com as minhas amigas.

**Palavras Chave: Centros de saúde; Família.**



África Placas  
Idade: 77

A minha educação escolar foi normal. Fiz o 4º ano e depois quando estava desempregada fiz o 6º ano. A minha infância foi mais ou menos, porque a pobreza era extrema, e as dificuldades eram muitas, e os meus pais para nos sustentar, trabalhavam de sol a sol. De maneira que a partir dos meus 8 anos, a minha vida foi muito difícil, porque tinha que cuidar das minhas irmãs e fazer as lides domésticas. Desde os 3 meses de idade fui criada, por uma senhora da minha aldeia. Ela responsabilizou se em cuidar de mim e da minha irmã, para que os meus pais pudessem ir trabalhar. Foi essa senhora que me ensinou a fazer vestidos, bonecos e a brincar. Apesar deles pensarem que não me apercebi das dificuldades que tínhamos e então queria ajudá-los.

Os meus primeiros trabalhos foram na agricultura, desde o trabalho da monda, a ceifar trigo. Mais tarde, fui tomar conta de crianças para Paços de Arcos. Depois, quando o meu marido voltou da Guerra do Ultramar, fomos viver para Évora, mas que eu não me conformava em estar em casa sem ganhar dinheiro. Até que me surgiu a oportunidade de ir trabalhar para a Fábrica da Siemens. E foi aí que trabalhei durante 30 anos, até me reformar por invalidez.

As relações familiares têm sido mais ou menos. Com os meus filhos, tenho sido a típica “mãe galinha”. Quero sempre que eles e os meus netos saibam mais. Por isso é que eles me chamam de “sabichona”. Ainda sou da opinião que os mais novos deveriam de aprender com os mais velhos, e os mais velhos aprendem com os mais novos. Trocamos experiências, aprendemos e termos mais paciência uns com os outros.

Gosto de fazer tudo um pouco. Tenho tentado aprender a fazer malha, porque ainda não sei fazer. Na Universidade Sénior, já fiz pontos de Castelo Branco, e já fiz outras atividades relacionadas com a Informática. Como gosto muito de escrever, uma das coisas que me incentiva e me distrai é sentar-me em frente ao computador e escrever. Também gosto das lides domésticas, como lavar a roupa e passar a ferro.

O Natal, a Páscoa e o Carnaval são dias de alegria. Também gostava das festividades de São Manços, aldeia onde nasci. Gosto muito de cozinhar pratos tradicionais.

Fui voluntária no ATL de São Brás, e o meu sonho era fazer dos mais novos uns “sabichões”. Gostava que eles aprendessem, a fazer as “pequeninas” coisas: saberem se organizar para serem poupados. Como por exemplo, aprenderem a costurar (pregar um botão, cozer um remendo, etc.).

Participei num Workshop de Costura Criativa no contexto das Atividades do Verão Sénior com pessoas mais jovens. Costurámos malas, e portanto o tópico da atividade era relacionada com a destreza manual. Gostava de adquirir mais competências a nível da destreza manual, como os bordados e a costura; competências digitais e competências artísticas, relacionadas com a área do teatro.

**Palavras Chave: Bordados; Família; relações intergeracionais.**



Ana Lopes  
Idade: 57

A Educação é a base para se conseguir um emprego melhor. Apenas estudei até ao 11<sup>o</sup> primeiro ano de escolaridade, que na altura era mais do que o obrigatório. Trabalhei em vários sítios, desde lavandarias, lojas, supermercados, entre outros. Até que concorri a um concurso público para administrativa no instituto da segurança social, há mais de 20 anos, e é onde trabalho desde essa altura.

A família é o nosso suporte, mesmo que a relação familiar nem sempre seja a melhor. Quando é preciso é a família que nos apoia.

Não sou muito dada a trabalhos manuais. Considero que tenho boa destreza manual, mas não faço rendas, bordados, etc, apenas costuro à mão alguma roupa que precise de ser arranjada. Gosto de viajar, e de ler, assim como de conviver com os meus amigos.

Considero que sou uma pessoa preocupada com o ambiente, tento usar tudo até estar mesmo no fim de vida. Geralmente adquiero coisas em segunda mão, desde mobiliário, roupa, livros, assim estou a dar uma nova vida às coisas em bom estado que outras pessoas já não querem.

Habitualmente na família festejamos as épocas do Natal, Passagem do Ano e Páscoa. Também já festejámos muito o carnaval, agora perdemos essa tradição. No Natal e na Páscoa mantemos a tradição de comer a refeição típica do bacalhau e do peru, assim como os doces típicos como os sonhos, as filhoses, as fatias douradas. Gosto muito de festejar o meu aniversário, e os Santos Populares.

Tento sempre transmitir às gerações mais novas o que aprendi e a minha experiência, geralmente passo os meus conhecimentos aos meus sobrinhos. E no meu trabalho quando temos colegas mais novos que vêm trabalhar para a nossa equipa tento ensinar tudo o que sei.

Aprendi com a geração mais nova, que cada geração pensa e faz as coisas de uma forma diferente. Estou sempre a aprender coisas novas, algumas sobre as redes sociais e de informática com os meus sobrinhos. Muitas vezes a forma de pensar dos mais jovens é muito diferente da nossa, assim como a rapidez com que os mais novos aprendem e ensinam. Porque quando nos ensinam algo de novo, por vezes não têm paciência para explicar devagar e mais do que uma vez.

Geralmente todos os anos realizamos formações no serviço onde trabalho, algumas tem que ver com o trabalho em si, outras com idiomas, e por norma algumas de competências digitais. Gosto muito de danças de salão, já dancei durante muitos anos num grupo Amador. Estou a pensar em inscrever-me novamente neste tipo de aulas.

**Palavras Chave: Família; relações intergeracionais; amigos.**



António Coelho  
Idade: 65

Tirei o 5º ano no Curso Geral de Administração e Comércio na Escola Secundária Gabriel Pereira. Podia ter realizado o 12º ano, porque até era bom aluno. Era bom a Geografia, a História e a Contabilidade, menos as Artes Manuais que não tinha jeito. Trabalhei nas Piscinas Municipais de Évora, limpava a areia onde as crianças brincavam. Também tinha que vigiar as pessoas que entravam com alfinetes e que passavam pelos balneários das piscinas. Quem tinha os alfinetes, “era sinal” que tinham comprado bilhete para o banho: havia o bilhete de banho e o bilhete de visita. O meu último trabalho foi no hospital, onde trabalhei na cozinha e na farmácia. Agora estou reformado.

O meu pai trabalhava muito, para manter o sustento da família. Trabalhava durante o dia na Wolksvagen, e durante a noite era Guarda Noturno. Depois também foi trabalhar para a construção civil e fui trabalhar com ele. As relações familiares são boas, tenho uma filha e dois netos. Gosto de ler e fazer voluntariado. Vou quase todos os dias à Junta de Freguesia da Nossa Senhora da Saúde, ler o jornal: “O Diário do Sul”. Ontem, participei numa atividade voluntária com jovens, para limpar a ecopista que estava cheia de lixo. Faço respetivamente a separação dos lixos: para o plástico, para o papel e para o vidro.

Não é preciso ser Natal ou Páscoa para se juntar a família. A minha mulher costuma fazer assado de Borrego e doces...não se deve comer muitos. No Natal, faz pimentos assados e outras comidas tradicionais da época natalícia.

Gosto de transmitir os meus conhecimentos aos meus netos. Gosto de brincar com eles, gosto de os ver crescer e das suas risadas.

Aprendi a ser feliz com os meus netos, e também aprendi muito com os meninos do Colégio de Nossa Senhora da Piedade numa atividade intergeracional, fizemos um livrinho e eles já sabiam o meu nome. Com os meninos fizemos como principal atividade uma peça de teatro do “Gato das Botas”. A minha personagem era o “velhote” vestido com uma samarra. Nestas atividades adquiri competências artísticas.

Ainda gostava de adquirir competências linguísticas, porque gostava de aprender a falar o inglês. Do inglês só sei o essencial e algum vocabulário.

**Palavras Chave: Família; relações intergeracionais; amigos; voluntariado.**



Balbina Carmo  
Idade: 62

Na altura em que era nova só estudei até à quarta classe, naquela altura quem vivia no campo tinha poucas oportunidades e estudava pouco e começava logo a trabalhar. Comecei a trabalhar cedo no campo, e mais tarde comecei a trabalhar como doméstica na casa das senhoras, que é o que ainda hoje faço. Mais tarde voltei à escola para estudar à noite nas novas oportunidades e tirar o 9º ano.

Vivia com a minha avó. O meu pai trabalhava nas quintas a cuidar do gado e das hortas. Tenho uma irmã de quem sou muito amiga. A minha avó ensinou-me todas as lides da casa e do campo, e de como tratar os animais que tínhamos para nos alimentarmos, ensinou-me também a costurar.. Depois comecei a namorar e casei, tive um filho. Já tenho 3 netos de quem gosto muito, apesar de morarem numa cidade diferente da minha e não os vejo tanto quanto gostava. As relações familiares sempre foram boas.

Gosto muito de fazer renda e costurar. Muita da minha roupa desde pequena que é feita por mim e arranjada por mim quando se danifica em algum ponto.

Sempre vivi do que o campo nos dá. Desde pequena sempre tive horta e animais no campo que nos fornecem o alimento. Desta forma nada era desperdiçado, o que não comíamos era dado aos animais, e todo o cultivo quando não era para nós era para a alimentação dos animais. Proveito das peças de roupa para fazer novas, ou utilizar o que está gasto e velho para trapos de limpeza. Agora que não moro no campo, apenas tenho um pequeno jardim onde cultivo pouca coisa, mas mesmo assim aproveito tudo o que posso. Faço a reciclagem e separo todo o lixo que faço em casa.

Sempre cozinhei as típicas refeições tradicionais alentejanas, a grande festividade era a matança do porco. Gosto muito de cozinhar e receber pessoas na minha casa, assim como de fazer doces e bolos.

Sempre que posso transmito algo aos mais novos, geralmente às minhas sobrinhas e aos meus netos, como por exemplo como era a vida no campo no tempo em que eu era criança. E gosto muito de ensinar a costurar, as minhas sobrinhas e uma das minhas netas também gostam e eu ensinei muito do que sabem.

Eu aprendo sempre alguma coisa nova, principalmente no que respeita às novas tecnologias, porque estão sempre a evoluir e são os mais novos da família que me ensinam.

A última vez que fiz um curso foi quando voltei a estudar para ficar com mais escolaridade aprendi competências digitais e linguísticas. De vez em quando faço um workshop de costura criativa, mas são poucos.

**Palavras Chave: Família; horta; costura.**



Francisco Chumbo  
Idade: 75

Estudei na Escola Agrícola de Évora e depois arranjei emprego numa empresa dedicada à agricultura e a todas as culturas fitossanitárias que existem em Portugal: milho, arroz, cereais, beterraba(...). Como gostava de trabalhar na área, mantive-me no posto de trabalho durante 35 anos. Conheci a agricultura desde de Trás-os-Montes até Vila Real de Santo António.

Quando trabalhava, apareciam alunos de Agronomia da Universidade de Évora e de outras Universidades de Lisboa para estagiarem na empresa. No final do estágio, quando era para terminarem o relatório final, eu emprestava os meus trabalhos para tirarem fotocópia. Portanto, defendiam o relatório final de estágio com os trabalhos realizados por mim.

Não sei se estou a elogiar-me demasiado, mas o Diretor Pessoal da nossa empresa, tinha também um filho, que foi para lá estagiar. O filho dizia ao pai que: “aqui é que estou a aprender com o Senhor Chumbo, e não na Universidade.” Não havia erva nenhuma que eu não conhecesse, sabia todos os nomes científicos delas.

Depois de Reformado fiz o curso de Operador de Máquinas Agrícolas. O tópico da atividade foi a aquisição de competências técnicas.

Tenho uma relação muito boa com a minha esposa, com as minhas filhas e os meus genros.

Para ocupar o meu tempo, frequento Pintura, Música, Psicologia, Gerontologia e Informática na Universidade Sénior de Évora. Também tenho como passatempo, as palavras cruzadas, a sopa de letras e o Sudoku. Quando comecei com os passatempos das palavras cruzadas, da sopa de letras e do Soduku, influenciei a minha esposa também a fazer palavras cruzadas e a partir daí ganhou entusiasmo. Também quando estava na Força Aérea, existia uma sala de convívio com jornais, e cada vez que fazia palavras cruzadas, juntava-se um grupo à volta para aprenderem e saberem os significados das palavras.

Na aldeia, temos jornais com Soduku, onde eu pratico. Um primo que é Engenheiro Químico dizia-me: “Isso é demasiado complicado para mim”, e eu disse-lhe: “Não é nada. Eu ensino-te”.

Em casa temos preocupações ambientais, fazemos a separação dos lixos, e poupamos na água da rede, porque temos um furo. Além disso, também com os restos dos alimentos (como por exemplo o resto das batatas) fazemos a combustão para a terra.

Durante o tempo de escola tive complexos com o português. Na escola, aprovava todas as disciplinas, mas tinha que ir a exame a português, apesar estar sempre no quadro de honra. Portanto, gostava de adquirir competências linguísticas.

Independentemente das festividades, a minha casa está sempre de portas abertas aos meus familiares.

**Palavras Chave: Família; Agricultura.**



Liseta Correia  
Idade: 69

Fiz o 7º ano antigo, e depois o 12º ano através do RVCC no Instituto de Emprego e Formação Profissional de Évora, para completar as minhas habilitações académicas. Quanto ao emprego, trabalhei praticamente quase toda a minha vida na restauração, porque eu e o meu falecido marido éramos proprietários de um restaurante.

A partir do momento em que o meu marido morreu, cada um dos meus filhos foram viver para outros locais, onde constituíram família. Tenho filhos com quem tenho uma relação mais próxima. Qualquer uma das formas, temos que estar em paz com nós próprios.

Sempre gostei de artesanato. Tenho quadros bordados em ponto de cruz, ponto a meio-ponto e trabalhos feitos em macramê e em crochet. Poderia ter desenvolvido mais essa arte, mas não tive essa oportunidade, porque tinha que ajudar o marido no restaurante. Em relação ao macramé, herdei essa arte do meu pai. Além disso, gosto de fazer arranjos de flores. Também aprecio passear no campo, sentar-me debaixo de uma sombra e fazer as minhas leituras.

No que diz respeito às questões ambientais, faço a separação do lixo, porque cada vez mais preocupo-me com as alterações climáticas que prejudicam o nosso Planeta.

Gosto das festas tradicionais, como por exemplo da Festa de Nossa Senhora do Amparo, em Mirandela. Na sexta-feira, festejam com os bombos até há uma da manhã. No sábado, é o principal dia da Festa, onde se faz a procissão em honra de Nossa Senhora do Amparo. O que mais gosto na nossa gastronomia, é no Inverno quando aprecio uma boa alheira acompanhada com batatas e grelos.

Os meus conhecimentos de Macramé já os transmiti, às alunas da Universidade Sénior de Évora, na qual também frequento. É interessante, que através de tantos “nózinhos” fazemos trabalhos muito aliciantes. Sinto-me feliz, porque elas ao colocarem uma questão sobre o Macramé posso ir buscar novas ideias, e também o facto de se sentirem integradas e quererem aprender mais sobre esta “arte manual”. A minha maior dificuldade na transmissão dos meus conhecimentos às gerações mais jovens, é de facto a falta de tempo que estas gerações têm.

Gosto de aprender coisas novas e a última vez que frequentei um workshop relacionado com a destreza manual, foi na Universidade Sénior de Évora, na qual aprendi bastante. Mais tarde, gostaria de adquirir mais competências digitais, para me sentir mais à vontade com as novas tecnologias.

**Palavras Chave: Artesanato; Macramé; ensinar.**



Maria Ermelinda  
Gonçalves  
Idade: 59

Desde pequena vivia no campo, portanto era uma educação mais fechada, ao comparar com as pessoas que viviam nos centros urbanos. Tinha que obedecer aos meus pais, não podia dizer que não, e eles é que tinham sempre razão.

Quanto à minha educação escolar, fiz o 4º ano numa Escola Primária regular, mas até ao 6º ano fiz através da Telescola. A partir daí, como o Liceu era longe da minha zona de residência, fui trabalhar com 12 anos. Como a zona da Ericeira, oferecia predominantemente emprego na área da restauração, eu não gostava, fui trabalhar para o Cacém e para Lisboa como empregada doméstica interna.

Aos 20 anos, deixei o trabalho doméstico, e fui estudar à noite e trabalhar num hotel na Ericeira. Aí conheci o meu marido, engravidei e acabaram-se os estudos! Felizmente, mais tarde, em Évora tive a oportunidade de concluir o 12º ano nas Novas Oportunidades.

Tenho só uma irmã, mas tenho muitos tios paternos e maternos, e, portanto, temos uma relação familiar muito saudável em que convivemos com regularidade.

Antes de frequentar as aulas de Bordados de Castelo Branco, não tinha qualquer tipo de lazer devido à minha doença. Tinha longos períodos em que vivia sozinha com os meus livros, porque o meu marido saía muito cedo para o trabalho e chegava a casa muito tarde.

Preocupo-me com o meio ambiente e a sustentabilidade, mas gasto muitos sacos de plástico. Em casa faço a reciclagem, e ensinei os meus filhos a fazerem também. Mas noto, que atualmente, as pessoas mais velhas reciclam mais do que os mais novos (os que têm uma pegada ecológica maior).

No que respeita às festividades, havia a festa religiosa em honra da Nossa Senhora da Nazaré que percorria todos os anos uma freguesia da Ericeira. Como a Ericeira tem 17 freguesias, fazia-se a festa de 17 em 17 anos nesta freguesia.

Quando fui fazer o 12º ano, foi avaliada as competências da nossa vida, e foi aí que transmiti um pouco da minha história. Também transmito aos meus filhos, aquilo que eu sei, embora não tenham muita paciência para ouvir! Ao transmitir os meus conhecimentos, encontro algumas dificuldades com as pessoas mais velhas, porque têm uma mente mais fechada e tradicional e custam mais a aceitar. Na Universidade Sénior de Évora, vou a diversas atividades como por exemplo bordados de Castelo Branco. Futuramente, gostaria de adquirir competências linguísticas porque tenho muita dificuldade em me expressar através das palavras.

**Palavras Chave: Bordados de Castelo Branco; família; aprendizagem.**



Maria de Fátima  
Ferreira  
Idade: 75

A educação era “daqueles tempos”: ajudava a minha mãe a lavar roupa num tanque, porque ela lavava roupa para fora. Vivíamos numa grande quinta, com horta, animais e árvores de fruto. Aos fins-de-semana e aos feriados ajudava-os muito. Dinheiro para estudar não havia, só que eu gostava muito de estudar, para depois tirar um curso.

Quando terminei a Escola Primária, continuei os estudos na Escola de Santa Clara até ao 6º ano, que agora é o 11º ano. Depois, terminei os estudos em Indústria, porque gostava de trabalhos manuais, e fui trabalhar para um escritório de um armazém. Estive lá 5 anos. Abriram concurso para a Segurança Social, concorri e fui selecionada para trabalhar. Estive 34 anos na Função Pública e depois aposentei-me.

As minhas relações familiares foram sempre muito boas. Eu e a minha irmã, temos vivido sempre perto uma da outra, e nunca nos chateamos. Só havia uma coisa que eu não gostava: de andar vestida igual a ela, porque nós não somos gémeas, apesar de só termos 11 meses de diferença.

Nos tempos livres, vejo televisão, faço as tarefas domésticas e tomo conta do meu neto. Quando era mais nova, gostava muito de trabalhos manuais, como por exemplo bordados, malhas, rendas e o ponto de cruz, tal como ir às excursões da Rainha Santa Isabel e de ouvir uma noite de Fados.

Também me preocupo com a sustentabilidade, pois, faço a separação dos lixos. Facilito a vida aos outros, e contribuo para o meio ambiente. Se todos contribuíssem um “bocadinho”, o mundo estaria bem melhor.

Quanto à gastronomia, gosto especialmente de fazer doces e bolos tradicionais, mas não tenho paciência para cozinhar outras refeições.

As minhas competências a nível do artesanato já os transmiti às minhas amigas e colegas. Nas horas de almoço do trabalho, ensinei a fazer cortinados para as casas delas. Elas compravam os tecidos, e eu ia lhez ensinando, a cortar, a alinhavar e a coser. Embora não fossem uma geração jovem, ficava contente e satisfeita com o que lhes ensinava, e quando precisavam pediam-me para lhes ensinar.

Infelizmente, hoje em dia já não tenho paciência e interesse em aprender, porque tenho sempre muita coisa para fazer em casa. Para o próximo ano, o meu neto vem para cá todos os dias porque só tem aulas até ao meio-dia, e os pais têm que trabalhar. Depois tenho que ajudá-lo nos trabalhos de casa, e fazer as refeições diárias.

**Palavras Chave: Costura; Estudar; tarefas domésticas.**



Maria Inácia Branco  
Idade: 66

Frequentei o curso de Secretariado e Relações Públicas que é equivalente ao 12º ano, e sou aposentada de Chefe de Serviço Geral na Função Pública.

Vivo em união de facto e tenho um filho de um antigo casamento. Além disso, tenho uma neta com apenas dois anos de idade.

Quanto ao artesanato, gosto especialmente de pintura de azulejos e de fazer croché. Também me preocupo com o meio ambiente, sobretudo na separação devidamente dos lixos.

É de evidenciar, que tenho por hábito de cozinhar comidas tradicionais pelas festividades.

Gosto particularmente de transmitir as minhas experiências e os meus conhecimentos, principalmente ao meu filho e aos meus sobrinhos. Além disso aprendo muito com a geração mais novas, principalmente em relação às novas tecnologias.

Recentemente, fiz um curso de pintura em azulejo, e gostaria de aprender a fazer um curso de Gastronomia. Embora resida em Lisboa, onde existem muitas opções para seniores, o que nos dificulta, é o facto de ficar tudo muito longe do local da minha residência.

**Palavras Chave: Novas Tecnologias; Função Pública; Artesanato.**



Agostinho Silva  
Idade: 62

Estudei até ao 4<sup>a</sup> ano de escolaridade e atualmente ainda trabalho como motorista de pesados de passageiros.

Vivo numa união de fato, e tenho três filhos de relacionamentos anteriores. Nos tempos de lazer, gosto de fazer trabalhos de mercenaria.

Como me preocupo minimamente com o meio ambiente e com o futuro das novas gerações, faço a separação devidamente dos lixos.

Quanto à gastronomia, aprecio as comidas alentejanas e gosto especialmente de cozinhar comidas típicas do Norte.

Como ainda estou a trabalhar, gosto muito de transmitir os meus conhecimentos, principalmente com os colegas mais jovens, que ainda estão a aprender a nova função de motorista. Em contrapartida, os mais jovens também me ensinam novas técnicas, que me ajudam a ultrapassar obstáculos no meu trabalho.

Apesar de gostar de ensinar e aprender, não tenho disponibilidade de participar em workshops e cursos, devido ao meu compromisso profissional. No entanto, quando tiver oportunidade gostaria de fazer um curso de carpintaria.

**Palavras Chave: Motorista; Carpintaria; Aprendizagem.**



Rosário Carvalho  
Idade: 61

Quando era pequena estudei num Colégio de Freiras. Depois fiz um curso de auxiliar de creche e infantário. Trabalhei durante muitos anos num infantário até que o mesmo fechou. De momento, trabalho numa Farmácia a fazer a limpeza do espaço, pois onde vivo não há muito trabalho para pessoas da minha idade.

Quanto às relações familiares, tenho uma boa relação com a minha família desde muito nova. Tenho apenas uma irmã, com a qual não fui criada. Fomos criadas por familiares diferentes, mas damo-nos muito bem e temos uma relação muito próxima. Casei muito nova, tive uma filha e fomos muito felizes. Agora tenho uma neta, que é o meu mais que tudo. Sempre que posso passo o tempo com ela.

Embora tenha uma boa destreza manual, não gosto de fazer trabalhos manuais, como por exemplo rendas e bordados, mas era o que ensinavam quando era mais nova. Gosto muito mais de passear, viajar e ler. Quanto à sustentabilidade e às práticas ambientais, apenas faço a reciclagem geral das embalagens.

Em relação às festividades, gosto de reunir a família à volta da mesa para conviver. Contudo, não gosto muito de cozinhar. Cozinho porque é necessário e gosto de comer comidas tradicionais, mas também refeições mais ligeiras, principalmente ao jantar.

Muitas das minhas experiências e dos meus conhecimentos transmiti-os aos meninos, quando trabalhava no Jardim de Infância. Atualmente, transmito-os à minha filha e à minha neta. É com estas gerações mais novas, que aprendemos sempre algo de novo, porque vivem de uma forma diferente da nossa.

O último curso/workshop em que participei já foi há muitos anos. Não me recordo bem, mas penso que não foi numa atividade intergeracional.

Em contrapartida, um dos maiores obstáculos que encontramos com a geração mais nova, é a forma rápida e apressada com que fazem as coisas, principalmente se forem atividades relacionadas com as novas tecnologias.

Não sou uma pessoa que goste muito de participar em atividades em grupo. O que faço atualmente é pilates porque me faz bem à saúde.

**Palavras Chave: Jardim de Infância; leitura; Pilates.**

Maria Teresa Marques  
Idade: 74

Fiz a Escola Primária e a Secundária, e tirei o curso de História na Universidade Clássica de Lisboa. Trabalhei a minha vida inteira por conta própria em Administração de Propriedades ligadas à Agricultura, portanto fazia a gestão conforme a época do ano.

Tenho duas filhas, não tenho netos e sou viúva. A minha mãe faleceu de cancro quando eu tinha quatro anos, e o meu pai acompanhou-me toda a vida até ele falecer. O meu pai, como era militar, tinha uma maneira muito especial de manifestar o seu carinho. Portanto, à maneira dele foi muito carinhoso, mas aos cinco anos fui para um Colégio Interno de Freiras.

Como lazer, gosto de fazer crochê, o que me relaxa muito, e jardinagem. Também faço parte de Associações de Animais de apoio, sobretudo, a cães e a gatos, e faço voluntariado no convento de Nossa Senhora da Graça, que uma tarde por semana, a igreja é aberta, para ser visitada pelos turistas.

Quanto às práticas ambientais, faço a separação dos lixos, e tenho cuidado redobrado no uso do plástico, porque é um material que leva muito tempo a degradar-se.

A festividade com que me identifico mais é o Natal. Na véspera de Natal, confecciono o prato típico de bacalhau com couves. No dia de Natal, faço a salada de marisco e os doces típicos da época: as filhoses, os sonhos, as rabanadas e as fatias douradas.

Quanto aos conhecimentos e às minhas experiências, transmito às pessoas a importância de ser voluntário. As pessoas respondem de forma simpática e agradável, mas ficam por aí, porque não gostam muito de compromissos. Também a arte do croché, transmiti às minhas filhas. Ainda hoje, a minha filha mais nova, dedica-se a esta arte, criando peças de bijuteria, como pulseiras, colares e brincos.

Atualmente, frequento a disciplina de Informática (competência digital) na Universidade Sénior de Évora. Infelizmente, nunca participei em atividades intergeracionais, e a última vez que era para participar, enganei-me na hora da atividade. A atividade era relacionada com a interação de um grupo de crianças de um ATL, que nos iriam ensinar a fazer pulseiras. Todas as competências têm utilidade. Mas aquilo que acho interessante em adquirir são as competências linguísticas, sobretudo com a língua inglesa.

**Palavras Chave: voluntariado; animais; croché.**



Margarida Melo  
Idade: 74

Tirei o 7º ano na vertente da língua germânica e depois estive mais dois anos a estudar inglês e alemão. Gostava de ter ido trabalhar para uma agência de viagens porque sempre gostei muito de manter contacto com as pessoas. Mas depois com o namoro, o casamento e a estabilidade, resolvi a vida e fui trabalhar para a função pública, e gostei de tudo o que fiz. Não quer dizer que tenha sido o meu emprego ideal, mas senti-me realizada. Trabalhei na área da cultura, mais na parte administrativa, e também participei nos projetos que eram realizados pela instituição.

Quanto às relações familiares sempre foram boas, apesar de haver conflitos, o que há em todas as famílias. Sou casada e tenho dois filhos, tenho uma irmã e dois sobrinhos. Tenho dois netos, que são os mais lindos do mundo.

Nunca tive jeito para trabalhos manuais e para o artesanato. Gosto de passear, conversar com os amigos, de ler e de ir ao cinema, de cozinhar, pois tenho destreza manual para isso.

Em relação à sustentabilidade e às práticas ambientais, faço a reciclagem e separo tudo: o lixo comum dos plásticos e dos papéis. Também reutilizo algumas coisas em casa, mas não tudo. Não deito comida fora, e quando faço uma refeição e sobra, congelo para outras refeições. E às vezes altero o que já tenho feito, e acrescento outras coisas para ter outro sabor. Quando a fruta não é doce, faço sumos. Uso também, peças de roupa estragadas para fazer panos de limpeza. Quanto às roupas que já não utilizo e estão em bom estado, ofereço às instituições.

Nas festividades, gosto de comer tanto doces como salgados. A alimentação diária é conforme o que me apetece, embora goste muito mais de peixe do que de carne. Mas às vezes, faço sopa de beldroegas, porque gosto muito de comida alentejana.

Quanto às competências e experiências da minha história já os transmiti aos meus filhos, netos e a outras pessoas. A maneira de estar com as outras pessoas, não se precisa de ensinar, porque a nossa maneira de conviver se transmite naturalmente para os mais novos. Foi assim, que também agi com os meus filhos e com os meus netos. Em suma, estamos sempre a aprender uns com os outros, tanto com os mais velhos como os mais novos.

Além disso, surpreende-me a admiração dos meus netos e a reação a algumas coisas que lhes conto. Uma das coisas que eles querem é um telemóvel, mas ainda não o têm. Quando lhes disse que no meu tempo não havia telemóveis, eles não conseguem entender, e explico-lhes como eram os telemóveis do antigamente, que eram com um disco e que escrevíamos cartas. Para eles entenderem melhor, vou ao Google mostrar imagens, para eles entenderem os exemplos do que estou a dizer.

A última vez que participei numa atividade educacional foi na Universidade Sénior de Évora. Podemos considerar intergeracional porque a aula foi dada por uma pessoa mais nova. A temática dada foi de conhecimento geral.

Os maiores obstáculos que os seniores encontram na participação de atividades intergeracionais, em que alguns casos podemos sentir a dispersão por causa da atenção. Mas por experiência própria, tive um caso em que estive com jovens adultos de 18/20 anos, e foi uma maravilha estar com eles. Depende sempre da situação em que se está. A situação faz o comportamento, e depende também do tipo de jovens.

Já fiz Zumba, mas não consegui continuar a fazer devido à coordenação dos movimentos com a música. Gostava de me inscrever num ginásio para ter mais atividade física.

**Palavras Chave: passeio; netos, atividade-física**



Frankelin Prazeres  
Idade: 85

Fiz o 6º ano do Liceu, o segundo ano do Instituto Industrial e 12 meses em Inglaterra o estudo de máquinas, porque éramos o representante da Marsen Frankson, e para evitar a vinda de engenheiros a Portugal dar esses cursos, fui eu para a Inglaterra. Fundei e trabalhei na minha empresa Frank Prazeres & Filhos e depois trabalhei dos 40 aos 55 na Fábrica da Lois.

Tive ótimas relações familiares. Dava-me com o meu tio, irmão da minha mãe, como se fosse meu pai. Ele esteve em Angola, 32 anos, veio para Portugal, e eu o acompanhava-o nos negócios dele. Tínhamos uma amizade muito íntima. Conheci a minha mulher nas aulas de ginástica, eu tinha 8 e ela 6 anos. Depois o género de “namorisco” começou aos 14/16 anos. Depois resolvemos casar...Tivemos três filhos, a Zezinha, a Paula, mais o meu filho. Temos dois netos da minha filha Paula e dois netos do meu filho.

Quanto ao lazer, fiz pintura na Universidade Sénior de Évora, durante 4/5 anos. Agora faço companhia a uns amigos, trato do meu animal de estimação, e faço as minhas caminhadas de manhã e à tarde, porque gosto muito de andar entre 30 minutos a 1 hora depende do dia.

Em relação às práticas ambientais, a minha mulher separa tudo, e eu coloco nos contentores para o material ser reciclado. Como a minha mulher tem um serviço na Igreja, e recolhe roupa para quem mais precisa, eu tenho a tarefa de escolher o que levo para a Igreja e o que vou meter nos contentores das roupas.

Sou tipicamente alentejano na alimentação, mas também gosto muito da gastronomia nortenha, porque a minha sogra era de Algodres, e a alimentação na Beira é mais saudável do que no Alentejo. Mas no Alentejo, o tipo de alimentação e as temperaturas pedem uma refeição mais pesada.

Sempre gostei de falar com as crianças. Muitas delas a quem ensinei, ainda hoje me chamam avô. Infelizmente, hoje é um bocado difícil de ensiná-los porque as crianças são muito dependentes das novas tecnologias. Aprender com as gerações mais novas, aprendesse sempre. Agora aquilo que me surpreende nestas gerações é o raciocínio: o raciocínio é com base em máquinas. Quanto é que são 2 + 2, vão à máquina de calcular.

A última vez que participei numa atividade intergeracional foi em 2018, numa aula que tive na Universidade Sénior de Évora. Eu e o Correia, lecionamos aulas de culinária, e os alunos faltavam às outras aulas para assistirem às nossas.

Os maiores obstáculos que sinto na participação nas atividades intergeracionais, vem precisamente da educação que se dava anteriormente. Era totalmente diferente, agora são mais abertos. Por exemplo, antigamente, numa mesa, não se podia colocar as mãos ou os braços em cima da mesa, ou só se falava com a autorização do pai ou da mãe. Além disso, não nos levantávamos da mesa sem pedir licença. Agora as crianças são mais livres, o que acho bem. Antigamente, o raciocínio da criança não seguia, era bloqueado.

Gostar de aprender com 85 anos é um bocado difícil. Gostava de fazer pintura que já não faço. Uma coisa que ainda faço, é não perder o contacto com os meus amigos.

**Palavras Chave: família, Pintura, Inglaterra**



Maria José Prazeres  
Idade: 83

A educação completa não há, mas acho que a minha foi bastante cheia, com valores e princípios, com respeito, com tudo aquilo que eu considero o que é uma boa educação. Principalmente daquilo que está na base de todo o respeito e amor pelo próximo. Foi uma educação sabendo distinguir muito bem, o bem e o mal, sabendo reconhecer aquilo que nos era proporcionando, principalmente ao nível do bem material e aquilo que aos outros era negado. Acho que nos faz olhar para o próximo com uma dimensão diferente. Uma educação na medida em que durante a Guerra, com umas certas restrições, portanto habituar-nos a aproveitar melhor aquilo que temos em abundância e a não desperdiçar.

Ao nível profissional, como costume dizer, “nunca ninguém vá trabalhar com familiares”, como fui trabalhar. Isso condicionou muito as minhas expectativas e ambições profissionais, porque eu tinha a ambição e como estava a trabalhar com a família, não a queria magoar. Trabalhei toda a vida em Farmácia e também dava explicações de Matemática. Uma das coisas que me condicionou, foi saber que a minha paixão era a Matemática, e toda a família estar à espera que fosse para a Farmácia.

Tenho uma neta que seguiu os meus passos na Matemática, e é melhor do que eu, e eu sou super realizada por isso. Sou uma pessoa feliz ao nível família. Mesmo assim, vou dando os meus conselhos, porque quero a felicidade dos meus filhos. Com os netos passa-se o mesmo.

Quanto ao artesanato, posso afirmar que tenho uma boa destreza manual. Gosto muito de carpintaria e gosto sobretudo de pintar mobiliário. Bordados e coisas desse género, continuo a ser boa no ponto cruz, no ponto cheio e fazia muito bem as bainhas abertas. Hoje em dia a vista já me atraiçoa, e já não faço. Quando não consigo fazer, coloco para o lado e começo outra coisa.

Sou muito sustentável. Aproveito tudo o que se possa imaginar. Não deito nada fora, e faço reciclagem de tudo. Ainda sou daquelas, que dos lençóis velhos e das camisas que estão gastas, faço panos de cozinha e talegos. Por exemplo, também uso as caixas de café para usar nas pinturas das portas.

Muito concretamente as festividades são o Natal, a Páscoa e os aniversários. Tento sempre preservar a tradição da minha mãe que era beirã na família e a tradição do sul, porque somos do Alentejo. A minha sogra, ensinou-me a fazer alface banhada em água, tradição típica do Alentejo. Contudo, a influência do amor que temos às pessoas, tem muita importância, porque a mistura de sentimentos associada à comida, faz-nos achar, que tudo o que nos oferecem é um manjar dos deuses, e passamos a comer e a fazer daquela maneira. Um dos segredos da cozinha, é cozinhar com amor.

Quanto à Educação Intergeracional, se as pessoas estiverem atentas, todos os dias aprendemos e ensinamos. Isto acontece com todas as gerações. Tenho pena das gerações mais novas, porque não têm princípios básicos da economia, porque lhe não foram incutidos. Eu ensino a geração mais nova a poupar em algumas coisas e a reutilizar.

A última vez que participei em atividades educacionais, foi na semana passada, numa atividade de destreza manual.

O maior obstáculo que os seniores encontram na participação de atividades intergeracionais é a forma como as gerações vivem atualmente. Mas julgo que estamos em mudança, e tenho esperança nestas gerações que estão a começar a ensinar e a comunicar.

Gostava de participar em atividades relacionadas com desporto, mas já não tenho capacidades físicas para praticar.

**Palavras Chave:** Farmácia, família reciclagem



Ana Garrido  
Idade: 58

Tenho o 11º ano, embora tenha frequentado a área das Ciências contrariada: Havia pouco tempo que tinha voltado da Alemanha, e só me davam equivalências às disciplinas de Ciências, que eu não qualquer aptidão. Então, nunca terminei o ensino secundário e fui trabalhar.

Vivi durante seis anos só com a minha mãe, porque o meu pai tinha emigrado para a Alemanha. A figura paternal tornou-se mais presente, só quando emigrámos também para lá. Vivi na cidade de Colónia, até aos 17 anos, e quando voltámos para Portugal, conheci o meu marido e tivemos duas filhas.

Quanto ao artesanato, não tenho muita destreza porque não pratico.

Pratico a sustentabilidade, porque tento gastar pouca água, compro o mínimo de sacos de plástico e reutilizo o material que temos em casa.

No quotidiano, comemos muita comida típica ou algo simples, para desenrascar, mas nas festividades fazemos pompa e circunstância.

Os conhecimentos, as competências ou experiências da minha história já os transmiti às minhas filhas. O que me surpreendeu e me fez feliz ao passar o conhecimento à geração

**Palavras chave: Emigração; filhas; Danças de Salão.**



António Garrido  
Idade: 63

Nunca terminei o ensino secundário porque era preguiçoso nos estudos. Para desgosto do meu pai, que queria que eu fosse para a Universidade. Então com a ajuda dele, arranjei um emprego na contabilidade de uma cooperativa agrícola, onde trabalhei durante 30 anos.

Quando era pequeno, vivi uns anos só com os meus pais (sou filho único) e depois saímos da aldeia onde vivíamos, e fomos viver para a casa dos meus avós maternos. Vivi nessa casa, até casar aos 28 anos.

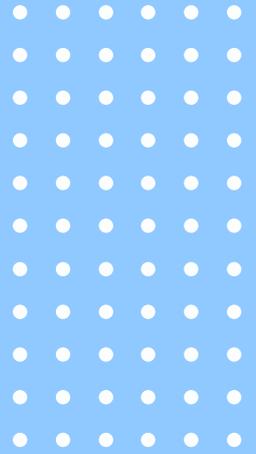
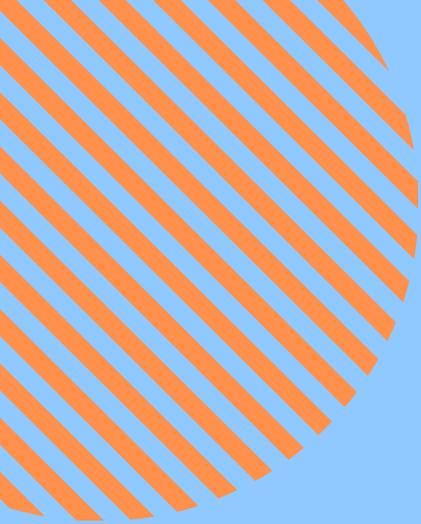
Quanto ao lazer, infelizmente não tenho nenhuma atividade, nem para arranjar coisas em casa.

As questões da sustentabilidade, sei que praticamos na nossa casa, mas não sei concretamente o quê.

As competências ou experiências da minha história, já os transmiti às minhas filhas e colegas da fundação, onde sou voluntário. Surpreendeu-me a facilidade com que dominam os conhecimentos transmitidos.

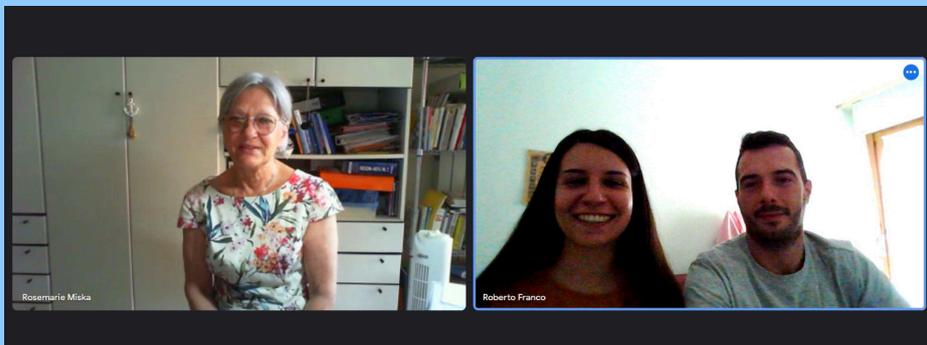
Como nunca participei em atividades intergeracionais, achava interessante e útil participar em atividades como clubes de leitura e “aulas” de História.

**Palavras chave: Contabilidade; Leitura; História**



# Recolha de Histórias - Itália





Rosemarie Miska  
Idade: 72

A Rosemarie tem 72 anos. Nasceu na Alemanha, perto de Frankfurt. Depois de trabalhar algum tempo numa empresa de informática para ganhar a vida durante os seus estudos, começou a trabalhar para uma empresa hoteleira com diferentes hotéis por toda a Europa, incluindo Itália. Depois de algumas mudanças através de diferentes filiais na Alemanha, foi-lhe proposto trabalhar em Itália durante 6 meses para a abertura de uma nova aldeia turística no sul de Itália.

Assim, em 1985, Rosemarie desembarcou em Ugento, uma pequena aldeia perto da costa, em Salento (Puglia). O choque cultural foi tão forte que, depois de apenas uma semana, Rosemarie estava disposta a partir para a Alemanha. No entanto, por razões contratuais, não podia. Então conformou-se com a situação e, dia após dia, começou a adaptar-se e a entender a cultura local.

Mesmo um simples telefonema foi um desafio para ela naquele período: a única solução que ela conseguiu encontrar foi um telefone público num bar. Mas, para uma mulher nessa altura, não era recomendado andar sozinha. Uma coisa que realmente a afetou a partir dos anos 80 em Salento foi a fila de mulheres vestidas de preto, sentadas à porta das suas casas, à espera dos seus maridos e filhos emigrados.

Ao mesmo tempo, começou a trabalhar como guia turística. Foi quando ela começou a apaixonar-se pela história e cultura de Salento.

Um dia, quando não estava de serviço, foi para Lecce porque precisava de um pouco de "ar da cidade". Enquanto ela tomava café num bar, um homem reconheceu o seu sotaque alemão e começou a falar com ela. No final da conversa, ele informou-a que, na universidade, havia uma vaga como professora de alemão. Rosemarie decidiu enviar a sua candidatura, mas não obteve resposta até quando, um dia, quando se preparava para regressar à Alemanha, recebeu um telefonema da Universidade. Passou na entrevista e tornou-se professora de alemão. Foi aí que começou a sua vida salentina.

Entretanto, trabalhava também como guia turística, atividade que mantém até hoje. O que ela mais ama é transmitir aos turistas de língua alemã as conexões entre cultura, história e território da Puglia que a fascinam profundamente.

Para ela, a reforma é ainda mais ativa do que outras fases de sua vida. Entre as diferentes atividades, Rosemarie frequenta cursos de inglês na EduVita, onde está a aprender o idioma. O que mais gosta na EduVita é a abordagem prática e interativa, da qual se inspira para usar nas suas aulas particulares.

Rosemarie sugere às gerações mais jovens que sejam mais abertas à vida, aprendam línguas e viajem para nos livrarmos dos pressupostos a que nos agarramos, querendo ou não. Mas, acima de tudo, conhecermo-nos a nós próprios.

**O seu lema é: viver a vida ao máximo, pensando que qualquer dia pode ser o último.**



Franco Mongiò  
Idade: 66

O Franco Mongiò tem 66 anos e é médico especialista em doenças infecciosas e psicoterapia. Nasceu em Maglie, uma cidade salentina a cerca de 30 km de Lecce (Puglia, Itália), numa família comum de Galatina. Por causa de seu trabalho, quando Franco ainda era criança, o seu pai decidiu mudar-se para Lecce.

Franco estudou e trabalhou primeiro em Roma, depois em Alexandria, onde viveu até 2019. Como se especializou em doenças infecciosas e hepáticas, teve a oportunidade de viajar muito por todo o mundo. Em particular, durante os anos 90, ele foi a Chicago algumas vezes para participar numa Convenção de Medicina.

Ao viajar, experimentou diferentes formas de perceber a vida. No entanto, lamenta uma coisa: durante a sua jovem viagem, Franco sentiu-se como na plateia, incapaz de viver a experiência ao máximo.

Enquanto estava longe de casa, Franco era muitas vezes nostálgico de tradições que ele descreve como "uma invenção migrante".

Por exemplo, o que mais sentia falta era da pittule, massa frita arredondada feita com farinha, água e fermento, tradicionalmente consumida na véspera da Imaculada Conceição ou na véspera de Natal. As sobras eram geralmente comidas no dia seguinte com mel.

Quando regressou a Lecce, descobriu que esta tradição tinha sido esquecida: hoje em dia, fazem e comem pittule em qualquer dia do ano. Outras tradições também foram esquecidas, como a autêntica qualidade do pão. E a Taranta como dança catártica para as mulheres que sofreram.

É por isso que sugere aos jovens que regressem às suas raízes históricas e tradicionais. Só com raízes profundas e fortes podemos enfrentar, com força e estabilidade, os ventos da vida. Ter um forte senso de identidade cultural, de facto, tem sido fundamental para Franco durante suas viagens e o seu período em Piemonte.

Após 30 anos de serviço hospitalar, agora Franco está aposentado. Em Lecce, colabora como voluntário com a Comunidade Emanuel, onde pode apoiar pessoas no seu caminho de reabilitação de toxicodependência, e com a Cáritas, onde atua como médico. Além disso, frequenta o curso de inglês na EduVita, onde tem prazer em aprender e trocar novos conhecimentos com jovens locais e europeus.

O seu lema é o da sua família: Fida è la rocca, come il suo sire. (Confiável é casa, como seu proprietário)



Fernando Bevilacqua  
Idade: 66

Fernando Bevilacqua é um homem de 66 anos de Salento. Vive com a família em Muro Leccese. Aos 20 anos, mudou-se para Londres com a companheira, que se tornou sua esposa pouco depois, onde trabalhou como decorador de interiores e frequentou cursos de inglês e espanhol. Mais tarde, frequentou o London Polytechnic e obteve o seu diploma em Técnicas de Fotografia. Por isso, decidiu tornar-se fotógrafo e regressar à sua cidade natal. Em Muro Leccese, iniciou a sua atividade como fotógrafo olhando para o território sob todos os pontos de vista.

O trabalho de Fernando tornou-se, com o tempo, um grande arquivo cultural da história de Salento: entre suas fotos e retratos, ele conta os de personagens locais e internacionais, um repertório de imagens sobre mudanças ambientais - como a antropização do território - e sobre a música "pizzica pizzica" e a cultura popular. Além disso, ele captou muitos momentos rituais da sua comunidade através de fotos e filmes, por exemplo, os fenômenos ligados à tradição pagã-cristã, e foi um dos criadores do movimento pela recuperação da cultura oral de Salento, especialmente no que diz respeito à música popular. Apresentou uma exposição fotográfica em Los Angeles para o Instituto de Cultura Italiana e UCLA: "A crazy urge to dance" e em Paris para a "La Maison de la culture du monde" o vídeo "Bit stretti nello spazio senza tempo". Juntamente com a fotografia, realizou também diferentes cursos de Educação de Imagem para adolescentes e adultos. Fernando achou muito interessante falar sobre a sua profissão e pô-la em prática - começando do chão - com os mais novos, e achou que estimulava a curiosidade dos miúdos. De facto, organizou um Movimento Cultural chamado "Terra de Menzu", onde os jovens da sua cidade podiam organizar-se e seguir as suas paixões. Com Terra de Menzu, organizou muitos encontros sobre cultura popular e as primeiras festas nas cortes de Salento com "Pizzica Pizzica".

Fernando é apaixonado pela sua terra: lutou arduamente contra a antropização maciça do território, o consumo de solos, a destruição das casas de campo nos centros históricos e a realização de infraestruturas que exploram a natureza sob todos os aspetos. O amor pela sua terra é a base para o trabalho que Fernando realiza todos os dias, para a memória e a continuação das ideias e palavras do seu amigo poeta Antonio L. Verri, tomando como manifesto cultural o que o poeta escrevera no seu conto "La Cultura dei Tao": "O contacto com a terra que o homem estabeleceu desde o início dos tempos, a Longa Sibilância de uma cultura milenar".

**Palavras-chave: Londres, fotografia, Salento, música, cultura, poesia, ambiente, jovens.**



Lucia  
Idade: 65

Iniciei o meu percurso de estudos no Liceu Clássico. Depois de obter o meu diploma, estudei línguas na universidade. Encontrei a minha fortuna nas línguas que escolhi: inglês e alemão. Naquela época, poucas pessoas estudavam alemão, então, como eu era uma das poucas, fui chamada para professora substituta logo após minha graduação. Foi assim que entrei na escola. Tive sorte porque, ao contrário do meu colega professor, não fui deslocada por toda a Itália para trabalhar. Comecei como suplente em Taranto, depois em Brindisi, à medida que me aproximava da minha cidade natal: Lecce. Depois comecei a candidatar-me a professora titular, passei nos testes e fui admitida no Ensino Básico e Secundário.

Logo, percebi que o ensino básico não era bom para mim: achei aquela geração bastante complicada, então preferi ensinar alemão no ensino secundário. Quando tinha 30 anos, casei-me e, desse casamento que durou 15 anos, tive uma filha. Tem hoje 27 anos, formou-se em Educação Física e está agora a entrar no mundo do trabalho. Assim como ela, eu amo movimento também. Desde jovem, sempre gostei de desporto; hoje vou ao ginásio e ando muito. Na verdade, ando sempre que posso. Até há 2 anos, morava no campo, então tive que usar meu carro para quase tudo. Desde que me mudei para Lecce, parece que renasci: mal uso o meu carro e posso circular mais livremente.

**Palavras-chave: história de vida, professor, educação, sustentabilidade**



Giuseppe  
Pietromatera  
Idade: 60

Giuseppe Pietromatera tem 60 anos e é proprietário de um restaurante em Montescaglioso, a poucos quilômetros de Matera (Basilicata, Itália).

No entanto, a sua história começou com a sua outra grande paixão: a fotografia. Depois de 8 anos a trabalhar num estúdio de fotografia na sua cidade, Giuseppe sentiu a necessidade de ser um artista. Começou a estudar, em particular preto e branco, e equipou a sua primeira com sala escura. Ao mesmo tempo, trabalha como freelancer num estúdio em Taranto, concentrando toda a sua atividade em dois dias da semana, para que pudesse ter tempo livre para passar com a sua arte. Ele sonha ir à Índia para imortalizar numa reportagem o "Dia das Cores de Benares", no rio Ganges. Um sonho que ficou em espera.

Então, decidiu começar um laboratório fotográfico com dois amigos em Montescaglioso. Após o sucesso dos primeiros anos, a transição para o digital revolucionou o mercado. As pessoas começaram a tirar muitas fotos, mas não as desenvolvem mais. Embora Giuseppe ainda esteja convencido da imortalidade da fotografia tradicional, é tempo de reinventar.

Durante os anos que se seguiram ao encerramento do seu estúdio, enquanto trabalhava como comerciante no mundo da fotografia, Giuseppe começa a descobrir mais um dos seus sonhos.

Na verdade, ele sempre preparou almoço e jantar para a família e amigos, compartilhando a sua segunda paixão criativa: cozinhar.

Assim, em 2012, em conjunto com o seu amigo, abriu a "Locanda dell'Abate", a poucos metros da Abadia de São Miguel Arcanjo. Um espaço intemporal, imerso no centro histórico de Montescaglioso, onde Giuseppe pode desfrutar de sua criatividade na cozinha propondo os sabores autênticos da tradição através da arte que ele chama de "comida".

A experimentação de Giuseppe começa de forma simples. Quando cozinha, compõe ou cria, procura sempre evocar a memória dos pais e as receitas da sua infância, aquelas combinações únicas de notas, texturas e harmonia que o trazem de volta no tempo, com a mente e o corpo.

Para Giuseppe, ser dono de um restaurante significa cuidar de tudo: cozinha, vinho, lavagem de pratos, acolhimento. Adora apresentar as suas criações à mesa, conversar com os convidados, estabelecer ligações e deixá-los sentirem-se em casa. Ele tenta criar para os clientes uma experiência que não simplesmente encha a barriga, mas os capture para o bem-estar físico e emocional. Sua maior satisfação é, de fato, ver os clientes a sair felizes do restaurante.

Para tornar a experiência ainda mais pessoal e única, Giuseppe opta por não ter um menu, mas propõe pratos e vinhos no local. Isso representa o maior desafio que Giuseppe enfrenta diariamente, pois, muitas vezes, não conhecer o menu deixa os clientes desconfiados.

Desconfiança que, geralmente, consegue desfazer após o primeiro prato, quando as emoções da boca derretem a necessidade racional de conhecer o desconhecido.

Tal como no filme "A Festa de Babette", Giuseppe espera que a sua arte culinária também possa ser tão comovente que os convidados, no fim do almoço ou jantar, dêem as mãos e dancem de felicidade. Para expressar o inexprimível.

Conselhos para jovens em restaurantes? Comecem com a cozinha de verdade, a básica, os pratos com apenas alguns elementos. Não siga inconscientemente os modelos propostos pelos meios de comunicação de massas, mas comprometa-se a ser primeiro um cozinheiro.

**O seu lema é: Comida é vida, energia, experiência.**



Nadia  
Idade: 66

Uma das minhas maiores paixões sempre foi a leitura. Quando eu era muito jovem, o meu pai, que lia muito também, apresentou-me os livros e, desde então, eu nunca mais parei. Na minha vida li tantos livros, de qualquer tipo, sem excluir nada. Na verdade, gosto de ler qualquer coisa, porque ler significa sempre enriquecer e crescer. A leitura também facilitou a minha vida escolar: quando era criança, dominava a língua e conhecia a gramática e a sintaxe italiana.

Quando eu era jovem, passei algumas semanas em Londres para ter novas experiências e aprender inglês. Os meus pais apoiaram-me nessa ideia, mas a geração anterior - a minha avó em particular - não podia aceitar o facto de uma jovem senhora viajar sozinha para o estrangeiro. Foi difícil convencê-la de que tudo teria corrido bem e que não havia nada de errado no que eu estava a fazer. Frequentei a Universidade de Lecce e, pouco depois, participei no concurso para me tornar professora. Este concurso, em especial, foi anulado devido a uma certa fraude interna; então, mudei-me para Brescia, onde comecei a trabalhar. Lá, tornei-me professora e adorei.

Depois de alguns anos, por amor, voltei para Lecce, onde comecei a trabalhar em escolas profissionais: o ambiente que encontrei era horrível. Fiquei tão traumatizada que pensei em encontrar outro emprego. No entanto, arregacei as mangas e decidi tirar o melhor proveito daquela situação. Assim, comecei a frequentar vários cursos de formação onde aprendi a gerir turmas de adolescentes em realidades muito difíceis. Aprendi muito e, graças a esses cursos, continuei a trabalhar como professora. Entretanto, casei-me e tive duas filhas que vivem e trabalham no estrangeiro. Embora eu esteja feliz por elas, eu gostava que elas estivessem mais próximas. Hoje estou aposentada e continuo com meu hobby: ler.

**Palavras-chave: viagem, livros, leitura, professora, escola**



Chiara  
Idade: 58

Nasci perto de Ferrara, mas mudei-me para Cesena, onde frequentei o Liceu Clássico. Depois, voltei para Ferrara, onde estudei Direito. Depois de me formar, comecei a trabalhar num escritório de advogados e, entretanto, estudei para o exame de advogada. No final, consegui. No mesmo período, conheci o meu marido e, com ele, mudei-me para Lecce.

No início foi difícil porque eu era jovem e esperava a minha primeira filha, então tive que deixar o meu emprego. Mas depois encaixei aqui e aprendi a entender as pessoas. Hoje, moro em Lecce há 25 anos e estou feliz. Tenho dois filhos, de 25 anos, que vivem e estudam em Roma. Ambos estudam Direito e gostariam de um dia ser advogados. Eu não reclamo deste lugar, mesmo que o sistema de transportes não seja gerido.

Há anos que administro algumas casas na praia que alugamos para turistas. Esta é mais uma razão pela qual decidi aprender inglês. Uma das minhas maiores paixões é a leitura: leio imensos livros e faço-o desde criança. Eu podia ler qualquer coisa, até livros com muito conteúdo. Sinto o mesmo em relação aos filmes: gosto de cinema, de arte e gosto de filmes com conteúdo.

Meu principal hobby, no entanto, é um desporto: jogo ténis há 15 anos. Treino duas ou três vezes por semana, isto não é só um desporto, mas tornou-se uma atividade em si: às vezes, também vou a campos e assisto a jogos.

**Palavras-chave: viagem, livros, leitura, professora, escola.**



Ida Campagna  
Idade: 86

Eu nasci numa família muito pobre. No início, éramos 7 irmãos e irmãs, mas depois alguns irmãos meus morreram, então éramos apenas 4 os restantes. Os meus pais eram pobres, mas amavam-nos muito. O meu pai era sapateiro e a minha mãe dona de casa. Quando éramos muito jovens, não tínhamos uma casa grande com diferentes quartos como existem hoje em dia, mas apenas uma pequena casa, com um quarto. Naquele quarto, todos nós dormíamos: era assim que funcionava naquela época. Famílias inteiras dormiam na mesma cama e recém-nascidos e bebês dormiam nas gavetas. Não tínhamos muito do que comer, mas meus vizinhos eram padeiros. De vez em quando, a filha atirava-nos um pedaço de pão para lá do pequeno muro que dividia as nossas casas.

Hoje, ainda a carrego no coração. Ao contrário dos meus irmãos, não frequentei a escola: com revistas, aprendi a ler quando cresci e já tinha filhos. Desde muito nova que sempre gostei de costurar, por isso fui para a escola de alfaiataria onde aprendi a arte da alfaiataria. Eu era tão boa nisso que se tornou o meu trabalho. Enquanto frequentava essa escola, conheci o meu marido, Nicola, com quem me casei pouco depois. Com ele, tive 4 filhos e tenho 8 sobrinhos e sobrinhas.

Graças ao meu trabalho de costura e ao trabalho do meu marido no município de Crotona e como pescador, criámos os nossos filhos e enviámo-los para a escola e para a universidade, apesar de todos os sacrifícios que tivemos de fazer. Hoje tenho 86 anos, sou viúva há 5 anos, moro na mesma cidade que nasci e cresci e, sempre que tenho oportunidade, ainda costuro.

**Palavras-chave: costura, empatia, sustentabilidade, grande família.**



Co-funded by  
the European Union



Solving the  
intergenerational puzzle  
INTER-PUZZLE



EduVita



Financiado pela União Europeia. No entanto, os pontos de vista e opiniões expressos são exclusivamente da responsabilidade do(s) autor(es) e não refletem necessariamente os da União Europeia ou da Agência Europeia de Execução para a Educação e a Cultura (EACEA). Nem a União Europeia nem a EACEA podem ser responsabilizadas por elas.